

ANA PAULA DILGER

**SOBRE A DESTRUTIVIDADE NAS RELAÇÕES AMOROSAS
CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS DE FREUD E DE WINNICOTT**

CURITIBA

2015

ANA PAULA DILGER

**SOBRE A DESTRUTIVIDADE NAS RELAÇÕES AMOROSAS
CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS DE FREUD E DE WINNICOTT**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Psicologia, no Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Nadja Nara Barbosa Pinheiro

CURITIBA

2015

Catálogo na publicação
Vivian Castro Ockner – CRB 9ª/1697
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Dilger, Ana Paula

Sobre a destrutividade nas relações amorosas contribuições
psicanalíticas de Freud e de Winnicott / Ana Paula Dilger. – Curitiba,
2015.

88 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nadja Nara Barbosa Pinheiro
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Setor de Ciências
Humanas

Universidade Federal do Paraná.

1. Psicologia clínica - psicanálise.
 2. Agressividade - destrutividade - relações amorosas.
 3. Freud, Sigmund (1856-1939) - Winnicott, Donald (1896-1971) - construção do ego. I.
- Título.

CDD 150.728



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Humanas.
Coordenação de Pós-Graduação em Psicologia
MESTRADO EM PSICOLOGIA



ANA PAULA DILGER

"SOBRE A DESTRUTIVIDADE NAS RELAÇÕES AMOROSAS-CONTRIBUIÇÕES
PSICANALÍTICAS DE FREUD E WINNICOTT"

Dissertação apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do Título de MESTRE EM PSICOLOGIA, pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Psicologia, do Setor de Ciências Humanas da UFPR – Universidade Federal do Paraná, e aprovada (aprovada/reprovada) pela Banca Avaliadora abaixo assinada.

Prof.ª Dr.ª Nadja Nara Barbosa Pinheiro
Universidade Federal do Paraná
Professora orientadora

Prof.ª Dr.ª Ivonise Fernandes da Motta
Universidade de São Paulo
Professora titular

Prof. Dr. Mauricio José d'Escagnolle Cardoso
Universidade Federal do Paraná
Professor titular

Curitiba, 12/06/ de 2015

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares e amigos que me acompanharam nessa caminhada, me oferecendo carinho e incentivo para seguir em frente.

Aos meus pais, por me ensinarem a enfrentar os desafios.

À minha mãe Cecília, pelo amor, pela dedicação, pelo apoio e pelo amparo nos momentos difíceis que se tornaram mais leves com a sua presença.

Ao meu pai João Alfredo (*in memoriam*), por ter desejado que eu aprendesse cada vez mais, deixando como herança o valor pelo conhecimento.

Ao meu irmão Paulo, pelas palavras motivadoras e por me ensinar a brincar, com as palavras e as coisas.

Aos meus sobrinhos Gustavo e Fabrício, por encherem de alegria e de esperança os meus dias.

À minha professora Nadja, pelas orientações, pelo acolhimento nos momentos de incertezas, pela escuta sempre atenta e pela generosidade com que compartilhou seu conhecimento, permitindo que eu pudesse construir algo singular e nosso ao mesmo tempo.

Aos professores Maurício e Ivonise pela disponibilidade em participarem das bancas, e pelas contribuições produtivas que enriqueceram este trabalho.

Ao REUNI pelo apoio financeiro.

Nós sabíamos ali, por uma intuição que por certo não tínhamos, que este dolorido mundo onde seríamos dois, se existia, era para além da linha extrema onde as montanhas são hábitos de formas, e para além dessa não havia nada... Vivíamos horas impossíveis, cheias de sermos nós... E isto porque sabíamos, com toda a carne da nossa carne, que não éramos uma realidade... Éramos aquela paisagem esfumada em consciência de si própria... E assim como ela era duas — de realidade que era, a ilusão - assim éramos nós obscuramente dois, nenhum de nós sabendo bem se o outro não era ele-próprio, se o incerto outro viveria...

(Fernando Pessoa – Na floresta do alheamento)

RESUMO

O presente trabalho se originou no âmbito da prática clínica psicanalítica, na qual observou-se a presença de uma parcela de agressividade/destrutividade nas relações amorosas, como também nas demais relações interpessoais estabelecidas pelos pacientes. Formulou-se como tema de pesquisa a ser investigado, a destrutividade nas relações amorosas e interpessoais por meio de duas diretrizes: a) a origem da destrutividade no aparelho psíquico e, b) a dinâmica da destrutividade nas relações amorosas/interpessoais. Para tal, recorreu-se às teorias de Freud e de Winnicott, desenvolvendo uma pesquisa conceitual, na qual foi promovido um retorno aos textos de cada um dos autores e deles extraiu-se um saber singular sobre a questão investigada. O primeiro capítulo tomou a teoria freudiana como base. Abordou-se o tema da melancolia e destacou-se o processo de identificação entre Ego e Objeto que permite compreender de que modo Ego e Objeto podem ser atacados de forma agressiva mutuamente, quando sustentados pela identificação narcísica. A questão da identificação narcísica remeteu ao período do narcisismo, no qual as primeiras fronteiras egóicas estão sendo construídas. O estudo desenvolvido sobre esse período de construção do Ego encaminhou a investigação para a ambivalência primitiva amor/ódio, que permite que o Ego se identifique e se diferencie do objeto. Observou-se, então, a necessidade de promover um estudo sobre a dualidade pulsional. O movimento dualista das pulsões, capazes de promover agregação e desagregação do Ego, ao tratar da dinâmica sadismo/masochismo, revelou a face destrutiva inerente às pulsões e colocou em destaque a pulsão de morte. Desse modo, a investigação efetuada se aproximou de períodos cada vez mais primitivos da construção da subjetividade, encontrando recursos na teoria de Winnicott para prosseguir. No segundo capítulo da dissertação, privilegiou-se o tema da agressividade, na perspectiva winnicottiana, elucidando que nas raízes da agressividade está a base da construção do Ego e das relações objetais. A agressividade entendida como atividade em sua origem, pode desdobrar-se de modo construtivo e destrutivo em uma sensível consonância com a alteridade materna, que sustenta essa operação primitiva. Destacou-se a importância fundamental da sobrevivência do objeto para a emergência do Ego e das relações objetais. No terceiro capítulo, realizou-se algumas conjecturas teórico-clínicas, articulando os conceitos previamente elencados nas teorias de Freud e Winnicott a partir de três eixos de tematização: a) Identificação narcísica e Cuidados maternos; b) Processo de diferenciação Ego/objeto: Ambivalência e Agressividade; c) Dinâmica pulsional e Modulações da agressividade. Revelou-se que originariamente amor e agressividade podem ser modulações de uma mesma força que perpassa a construção da subjetividade e das relações objetais, sendo necessária para construir os vínculos entre Ego e objetos amorosos assim como para deles se desvincular e singularizar. Assim, evidenciou-se uma face positiva na agressividade/destrutividade que culminou no ponto de chegada dessa dissertação. Na parte final do capítulo promoveu-se um retorno à questão clínica que deu origem à pesquisa, destacando que o analista, na relação transferencial, ocupa um lugar de objeto a ser investido libidinalmente pelo paciente, ou seja, a ele serão endereçados conteúdos amorosos e destrutivos. Desse modo, a face positiva da destrutividade pode ser incluída como possibilidade de abertura para o trabalho analítico, caso o analista possa sobreviver, pois, assim como a sobrevivência do objeto é capital para a emergência do Ego, a sobrevivência do analista é fundamental para a emergência do campo clínico.

Palavras Chaves: agressividade, destrutividade, relações amorosas, Freud, Winnicott.

ABSTRACT

This research originated in the context of psychoanalytic clinical practice, in which it was observed the presence of a portion of aggressiveness/destructiveness in romantic relationships, but also in other interpersonal relations established by patients. Formulated as a research topic to be investigated, the destructiveness in romantic relationships and interpersonal through two guidelines: a) the origin of the psychic apparatus and destructiveness, b) the dynamics of destructiveness in romantic relationships/interpersonal. To this end, resorted theories of Freud and Winnicott, developing a conceptual search, in which he was promoted a return to the texts of each of the authors and of them drew a knowing singular on the issue investigated. The first chapter took the Freudian theory as a basis. Addressed the theme of melancholy and stood out the identification process between Ego and object that allows you to understand how Ego and Object can be attacked aggressively mutually, when sustained by narcissistic identification. The question of narcissistic identification referred to the period of narcissism, in which the first egoic borders are being built. The study developed over this period of construction of the Ego referred the investigation to the ambivalence primitive love/hate, which allows the Ego to identify and differentiate the object. There was, then, the need to promote a study on the duality pulsional. The dualistic movement of impulses, able to promote aggregation and disaggregation of the Ego, when dealing with the dynamics sadism/masochism, revealed the face inherent destructive impulses and put in the spotlight the death drive. Thus, the investigation performed approached increasingly primitive periods of construction of subjectivity, finding resources on the theory of Winnicott to proceed. In the second chapter of the dissertation, focused on the theme of aggression, from the perspective winnicottiana, clarifying that the roots of aggressiveness is the base of the construction of the Ego and objetais relations. The aggressiveness is understood as activity in its origin, can unfold so constructive and destructive in a sensitive line with the otherness that sustains this maternal primitive operation. Highlighted the fundamental importance of the survival of the object to the emergence of the Ego and objetais relations. In the third chapter, held some theoretical conjectures-clinics, articulating the concepts previously listed on the theories of Freud and Winnicott from three axes of thematization: a) Narcissistic Identification and maternal care; b) Process of differentiation Ego/object: Ambivalence and Aggressiveness; c) Drive and Dynamic Modulations of aggressiveness. It turned out that originally love and aggression can be the same modulations force that pervades the construction of subjectivity and objetais relations, being required to build the links between Ego and love as well as for objects of them Unbind and distinguishes. So, it was a positive face on aggressiveness/destructiveness which culminated in the arrival point of this dissertation. At the end of chapter promoted a return to clinical issue that gave rise to the survey, noting that the transference relationship analyst, occupies a place of object to be invested by libidinalmente patient, for he will be loving and destructive contente addressed. Thereby, the positive face of destructiveness can be included as a possibility of opening for the analytical work, if the analyst is to survive, because, as well as the survival of the object is capital for the emergence of the Ego, the survival of the analyst is critical to the emergence of the clinical field.

Keywords: aggressiveness, destructiveness, romantic relationships, Freud, Winnicott.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	16
1.UM RETORNO A FREUD: CONTRIBUIÇÕES ACERCA DAS RELAÇÕES OBJETAIS E DA DESTRUTIVIDADE.....	16
1.1 - A MELANCOLIA E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO COM OS OBJETOS.	16
1.2-O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO NARCÍSICA.....	19
1.3- O AUTOEROTISMO E A DUALIDADE PULSIONAL	21
1.4- DINÂMICA PULSIONAL E AMBIVALÊNCIA.....	27
1.5 – PULSÕES DE VIDA E PULSÃO DE MORTE.....	31
1.6– DINÂMICA PULSIONAL SADISMO/MASOQUISMO	36
1.7- CAMINHOS DA AGRESSIVIDADE	41
CAPÍTULO II.....	43
2. IDEIAS WINNICOTTIANAS: APONTAMENTOS ACERCA DA AGRESSIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL PRIMITIVO	43
2.1 – ESTADOS TRANQUILOS E EXCITADOS	45
2.2- CRIATIVIDADE PRIMÁRIA	47
2.3 - TRANSICIONALIDADE	48
2.4 – USO E SOBREVIVÊNCIA DO OBJETO	52
2.5 - RAÍZES DA AGRESSIVIDADE.....	54
2.6 - AGRESSIVIDADE E POTENCIAL ERÓTICO.....	57
2.7 – DESTRUTIVIDADE E OBJETOS AMOROSOS.....	58

CAPÍTULO III	62
3. SOBRE A DESTRUTIVIDADE NAS RELAÇÕES AMOROSAS: PROBLEMATIZAÇÕES TEÓRICO/CLÍNICAS A PARTIR DE UM DIÁLOGO ENTRE FREUD E WINNICOTT.....	62
3.1 – IDENTIFICAÇÃO NARCÍSICA E CUIDADOS MATERNOS	63
3.2 – PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO EGO/OBJETO: AMBIVALÊNCIA E AGRESSIVIDADE.....	67
3.3 – DINÂMICA PULSIONAL E MODULAÇÕES DA AGRESSIVIDADE	72
3.4 – CONJECTURAS CLÍNICAS SOBRE DESTRUTIVIDADE: AMOR/ÓDIO DE TRANSFERÊNCIA?	76
3.5 – O LUGAR DO ANALISTA NA RELAÇÃO TRANSFERENCIAL	76
3.6 – AMOROSIDADE E DESTRUTIVIDADE NA TRANSFERÊNCIA	78
3.7 – SOBREVIVÊNCIA DO ANALISTA E EMERGÊNCIA DO TRABALHO ANALÍTICO.....	80
 CONCLUSÃO	82
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

Ao nos propormos a realizar uma pesquisa em psicanálise, tomamos como referência o seu lugar de origem, a clínica psicanalítica. O pensamento clínico investigativo é norteador para a condução deste trabalho que surge do campo entre prática clínica e teoria. Compreendemos que desse modo, a pesquisa em psicanálise está endereçada ao fazer clínico, que se impõe trazendo questões que desafiam o saber teórico, produzindo como efeito o constante movimento de (re)pensar a prática e a teoria que a sustenta. Nesse ínterim, a prática e a pesquisa se entrelaçam, sendo propulsoras e construindo a teoria psicanalítica.

Desse modo, o nosso problema de pesquisa para esta dissertação, se originou dessa intersecção entre prática e teoria, que nos possibilitou a realização de nosso trabalho. Por meio da experiência clínica observamos que alguns motivos que impulsionam o indivíduo a procurar por uma análise, estão perpassados por conflitos no campo das relações amorosas. Em certo momento da minha prática, tomei contato com um caso clínico no qual o paciente ao se referir sobre seu relacionamento amoroso, relatava que agressões físicas eram frequentes na dinâmica do casal, em meio aos desentendimentos conjugais. Seu relato despertou o meu questionamento sobre a presença da agressividade e seu desdobramento em sua face destrutiva, observável nas relações amorosas. Nesse caso, a agressividade apresentava-se de modo notório, mas também podemos observar a sua presença em tantas outras histórias que são trazidas à clínica, em maior ou menor grau, de forma explícita ou velada. Tanto nos relacionamentos com o par amoroso, como também nos relacionamentos com os semelhantes com que o indivíduo tem contato, percebemos que há uma parcela de agressividade que permeia as relações, podendo ser destrutiva em alguns momentos.

Frente a essas observações que nos foram possíveis por meio da prática clínica, nossa proposta de investigação é norteada pelo questionamento de como amorosidade e destrutividade se mostram tão estreitamente inter-relacionadas nas relações interpessoais? A partir das nossas indagações sobre esse tema, nossa questão de pesquisa se concentrou, então, sobre quais as origens e a dinâmica da destrutividade na constituição do Ego e de suas relações objetais?

Em termos clínicos compreendemos que nossa questão de pesquisa se converte em uma importância clínica primordial, na medida em que sabemos que, uma vez que o tratamento

psicanalítico se processa por meio da transferência estabelecida entre paciente e analista, o analista se oferece como objeto para o investimento de seus pacientes. Desse modo, ao analista também serão endereçados não apenas a amorosidade, mas também a destrutividade inerente às relações objetais. Frente a essas conjecturas, nos propomos então questionar quais seriam as consequências clínicas decorrentes de uma suposição sobre a destrutividade como constituinte das relações estabelecidas entre Ego e seus objetos? Acreditamos que ao nos permitirmos formular tais questionamentos sobre a destrutividade presente e inerente às relações amorosas, e pensá-la em sua implicação no trabalho clínico pela via da transferência, podemos, de algum modo, expandir os horizontes que circundam nossa prática.

Para a sustentação teórica dessa pesquisa, recorreremos à teoria freudiana e às contribuições da teoria winnicottiana. A pesquisa em psicanálise conta com a especificidade de seu método desenvolvido por Sigmund Freud, o método clínico psicanalítico. O que implica dizer que se é pela via da transferência que se pode realizar um trabalho analítico, é também pela via da transferência, estabelecida com a teoria, que se retorna aos textos psicanalíticos objetivando a construção de respostas possíveis para as indagações suscitadas no fazer clínico. Nossa proposta para a presente investigação é de uma pesquisa conceitual, que para além de uma revisão bibliográfica, trará uma contribuição teórica, ao estudar de modo singular aspectos da teoria em relação a uma questão específica.

O retorno à teoria freudiana, está sendo compreendido por nós como Garcia-Roza (1994) nos apresenta, ao afirmar que uma releitura teórica não se trata de uma mera repetição ou uma duplicação do discurso encontrado no texto. Mas sim, de uma postura tomada pelo pesquisador que deve permitir a existência do espaço para a criação a partir desse retorno aos conceitos teóricos. É poder se utilizar do texto, produzindo assim um diferente discurso que implique em algo novo, embutido da singularidade do pesquisador, sem se desprender do rigor teórico, visando responder ao problema proposto.

De acordo com Luciano Elia (1999, p. 779), “o termo metodologia, na acepção que convém à psicanálise, concerne no mais íntimo grau à experiência psicanalítica, constituindo-lhes as vértebras e as condições de possibilidades de uma clínica psicanalítica”. Desse modo, compreendemos que a prática clínica é soberana e se impõe ao arcabouço teórico já conhecido. No entanto, o saber teórico não precede a clínica, podendo ser compreendido em um movimento paradoxal, em que se constrói conjuntamente com o exercício da prática clínica,

instaurando um campo em que a teoria está constantemente tensionada frente às demandas clínicas, e de alguma maneira, constantemente necessitando se reorganizar.

Esta pesquisa é desenvolvida no interior de uma proposta de trabalho do Laboratório de Psicanálise da Universidade Federal do Paraná, sob a coordenação da Prof. Dra. Nadjá Nara Barbosa Pinheiro. Esse grupo é composto pela participação de alunos da graduação e da pós-graduação do curso de Psicologia da Universidade. Nossa proposta de trabalho é de proporcionar a constante reflexão sobre as possíveis interlocuções entre a teoria e a prática clínica, fundamentando-nos nas obras de Freud e de Winnicott. Para tal, as relações teóricas entre Freud e Winnicott são tomadas por nós pela via da problematização de eixos temáticos, não fazendo parte de nossa compreensão uma ruptura paradigmática entre as duas teorias. Desse modo, acreditamos na possibilidade de promover um diálogo fecundo entre os dois autores, sem a tentativa de identificá-los, mas sim, preservando a originalidade e a singularidade de cada um. (PINHEIRO, 2012)

Ao propomos a elaboração desta pesquisa, partimos dos pressupostos teóricos psicanalíticos de que as relações amorosas estarão permeadas e orientadas pelos registros da experiência do primeiro vínculo de amor e tomamos como referência a relação mãe – bebê. Compreendemos que as relações amorosas são construídas a partir das demarcações psíquicas dos contatos iniciais e das vivências primitivas. Dessa maneira, podemos conjecturar que a destrutividade presente nas relações amorosas, encontra-se de algum modo presente e participativa desde os momentos de tais vivências primitivas.

Privilegiamos conceitualmente na teoria freudiana as polaridades sadismo/masiquismo, entendendo-as como um dos caminhos possíveis de atuação das pulsões. Pois de acordo com a teoria freudiana, as relações afetivas são perpassadas potencialmente por impulsos, que possuem como meta de satisfação causar dor ao semelhante, como também, consentir causar dor a si mesmo. Tais impulsos são considerados por Freud, inerentes ao processo de construção do Ego e das relações com os objetos amorosos. Para tanto, apresentamos no primeiro capítulo, o processo psíquico da melancolia, no qual podemos pensar a ambivalência presente na dinâmica psíquica dos pares de opostos, amor/ódio, sadismo/masiquismo, como norteadora das relações do Ego com os objetos. Observamos no processo de identificação do Ego com os objetos, a possibilidade de que uma parcela entre Ego e objeto permaneça sobreposta, dando lugar a uma interface entre eles, na qual, parcialmente, Ego e objeto encontram-se indiferenciados. Essa interface de identificação narcísica que o

processo da melancolia elucidou a Freud, nos permite considerar que a destrutividade endereçada ao objeto amoroso é também, ao mesmo tempo, endereçada ao próprio Ego. Frente a esses apontamentos, nosso percurso na teoria freudiana nos indica a necessidade teórica encontrada por Freud (1920) da conceituação da pulsão de morte. Frente ao desafio de melhor compreender tal conceituação, nos propomos repensá-lo, utilizando como auxílio a proposta de Garcia-Roza, (1986). Tal proposta nos possibilitou compreender a pulsão de morte como constituinte da pulsão original, ao retomar algo que o próprio Freud teria formulado, que a pulsão de morte seria a pulsão por excelência. Sob essa perspectiva, a pulsão original adquiriria seu caráter dualista, vida e morte, como efeito de organização do aparelho psíquico, ao ligar-se às representações e não a partir de uma dualidade ontológica.

Nossa investigação na teoria freudiana nos conduz para períodos cada vez mais iniciais da construção do Ego, nos quais as demarcações pulsionais inscrevem trilhamentos que se tornarão pano de fundo para a formação do inconsciente. Frente às questões teóricas que circundam os momentos iniciais da construção do Ego e das relações objetais e buscando compreender a participação dos elementos amorosos e destrutivos em tais processos de construção subjetiva, buscamos recursos na teoria winnicottiana para prosseguir nossa pesquisa sobre o tema da destrutividade nas relações amorosas. Compreendemos que Winnicott se dedicou ao estudo de momentos primitivos do desenvolvimento emocional, e que entre outros aspectos teóricos, confere ao tema da agressividade o status de fundamento para a construção do Ego e das relações objetais.

Desse modo, no segundo capítulo serão desenvolvidas as ideias de Winnicott acerca do desenvolvimento emocional primitivo. Nossa investigação sobre o tema na obra de Winnicott nos conduz ao conceito de agressividade, apresentada como potencial agressivo a ser colocado em movimento. Compreendida como inata, a agressividade primária é sinônimo de força, movimento, atividade. Considerada tão fundamental para o desenvolvimento emocional e responsável por estabelecer as relações de afeto, nos permitimos questionar sobre o desdobrar do potencial agressivo e a importância da sobrevivência do ambiente/mãe/objeto nos contatos iniciais, para a aquisição de contornos para a agressividade.

Em nosso terceiro capítulo, propomos realizar um diálogo entre as ideias de Freud e de Winnicott, sobre a problemática da destrutividade nas relações amorosas. Procuramos destacar os pontos de encontros e de desencontros teóricos entre as ideias originais de Freud e Winnicott. Para tal, três eixos temáticos são tomados como norteadores das interlocuções entre

os dois autores: 1) Identificação narcísica e Cuidados maternos; o qual tratará dos processos de identificação narcísica entre o Ego e os objetos amorosos, os quais permitem que o Ego e os objetos encontrem-se parcialmente indiferenciados nas relações objetais. Tais processos serão tematizados a partir do que neles se refere à participação dos cuidados maternos como agente modulador dos processos psíquicos iniciais. 2) Processo de diferenciação Ego/objeto: Ambivalência e Agressividade. Nesse eixo temático trataremos da ambivalência amor/ódio como possibilidade do Ego amar e odiar o objeto e a si mesmo concomitantemente. A partir de tais apontamentos sobre a ambivalência, abordaremos a possibilidade do processo de diferenciação Ego/objeto por meio da agressividade, considerando a sobrevivência do objeto como norteadora para os processos de construção do Ego e das relações objetais. 3) Dinâmica pulsional e Modulações da agressividade; nesse eixo temático abordamos o estabelecimento da dinâmica pulsional sadismo/masoquismo no exercício das relações amorosas e seu caráter reflexivo. Considerando tais elementos como necessários para o estabelecimento das relações objetais, procuramos abordar o tema da agressividade, entendendo-a como força que se apresenta em princípio como potencial agressivo a ser colocado em ação e disponível em adquirir contornos construtivos e destrutivos.

A partir dessas tematizações, finalizamos o terceiro capítulo retornando à questão clínica, disparadora de nossa pesquisa. Tecendo algumas considerações sobre a destrutividade na transferência, se faz necessário pensar sobre o lugar ocupado pelo analista no transcórre do processo analítico, entendendo-o como objeto de investimento do paciente. Desse modo, o analista tomado como objeto de investimento, receberá tanto os elementos amorosos, quanto destrutivos, ambos constituintes das relações objetais.

CAPÍTULO I

1. Um retorno a Freud: contribuições acerca das relações objetais e da destrutividade

Dando início ao primeiro capítulo do presente trabalho, abordaremos as ideias originais de Freud, a fim de melhor compreender o nosso questionamento sobre a destrutividade nas relações amorosas. Optamos por começar nossa pesquisa pelo tema da melancolia, pois acreditamos que suas contribuições teóricas sobre a identificação do Ego com os objetos amorosos nos é de grande valia para a composição de nossa investigação.

O processo de identificação narcísica entre Ego e objeto, nos remete aos momentos de construção do narcisismo. Compreendemos que tais operações psíquicas estão sustentadas pela relação com a alteridade materna. A partir dessa relação inicial de investimento narcísico, o bebê torna-se gradativamente erotizado e pulsionalizado, instaurando-se o circuito pulsional. Tais afirmações parecem nos indicar que o processo de construção do Ego, concomitantemente ao processo de construção das relações objetais, pode contar com as pulsões parciais autoeróticas e também com os investimentos narcísicos oriundos da alteridade materna. Com isso, podemos propor que, paradoxalmente, o circuito pulsional se estabelece a partir da relação entre Ego e Objeto (alteridade materna), ainda que do ponto de vista do bebê, a externalidade esteja indistinguível.

Desse modo, os caminhos pelos quais as pulsões se destinam, possuem como trilhamentos períodos iniciais de construção do Ego. A força da pulsão destinada à oralidade, ao satisfazer as necessidades fisiológicas, também inscreve a possibilidade de obtenção de prazer para além do organismo. Compreendemos que o amalgamento das pulsões sexuais e de auto-conservação e após a conceituação da segunda tópica freudiana, pulsões de vida e de morte, apresentam-se nos modos de relação do Ego com os objetos, ainda em período inicial.

1.1 - A melancolia e o processo de identificação com os objetos

Buscando investigar os conceitos que nos permitissem responder a nossa questão sobre as origens da destrutividade no aparelho psíquico e sua dinâmica nas relações amorosas,

privilegiamos o processo da melancolia como sustentação teórica, para entendermos a identificação e a diferenciação do Ego em relação a seus objetos. Para tanto, o trabalho intitulado *Luto e Melancolia*, publicado em 1917, tornou-se nosso ponto de partida para compreendermos os possíveis caminhos que a libido assume no processo de construção do Ego.

Freud (1917) formula uma descrição para a melancolia ao escutar o discurso de pacientes que enfrentam a perda de um objeto amoroso. Afirma que, a melancolia se caracteriza como um processo semelhante ao do luto, no entanto, com uma diferença fundamental por ele observada. Pois, no processo de luto a dor e o sofrimento são intensos, na tentativa de reparar a perda do objeto, mas, contudo, o Ego permanece preservado, não sofrendo ataques ou punições por outra instância egóica. Movimentação esta que se apresenta diferente na melancolia. Assim, enquanto no luto a dor da perda objetual é sentida como o esvaziamento do interesse na realidade externa, na melancolia o esvaziamento é sentido, também, no próprio Ego, acompanhado por auto-recriminações que possuem por objetivo a tentativa de punir-se. Em sua descrição sobre a melancolia, Freud assinala que:

"A melancolia é caracterizada, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda a atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição." (FREUD, 1917, p.172)

Nesse trabalho, evidencia-se algo que chama a atenção de Freud para uma característica que será responsável por iniciar um grande questionamento a respeito da melancolia: o rebaixamento da autoestima e o empobrecimento do Ego. Freud (1917) assinala que no relato dos pacientes melancólicos não é possível situar com clareza o que, ou quem, teria sido perdido. O paciente apresentava com maior frequência acusações contra si mesmo e considerava-se "indigno, incapaz e desprezível" (FREUD, 1917, p.176), esperando por rejeições e castigo. Sua autocrítica se estendia a todo o curso de sua vida, não havendo outro período em sua história em que estivesse desempenhado-se de melhor maneira. Esse quadro de ataque moral sobre o próprio Ego era acompanhado pela recusa da alimentação, do sono e de tudo que pudesse representar seu interesse pela vida.

Outra característica do melancólico que chama a atenção de Freud (1917) é a ausência do sentimento de vergonha ao se auto-recriminar. Esse dado indica para Freud que a insistência em se referir a si mesmo de maneira depreciativa, poderia estar atrelada a certa obtenção de satisfação pulsional, evidenciando a presença da polaridade sádica/masoquista nessa operação psíquica.

Freud (1917) observa que as queixas dos pacientes, quando dirigidas a si mesmo, se adequavam muito mais a uma outra pessoa, a quem o paciente amava ou amou. As acusações a si mesmo eram acusações a um objeto amoroso, que via identificação narcísica, voltara-se ao próprio Ego. Ao se referir ao relato de seus pacientes, Freud afirma que: "Para eles, queixar-se é dar queixa, no velho sentido do termo." (FREUD, 1917, p.180). Tal afirmação nos permite conjecturar sobre a presença da identificação narcísica do Ego com os objetos amorosos, de quem, supostamente, o paciente melancólico estaria queixando-se ao proferir acusações contra si mesmo.

Ao vivenciar a perda do objeto amoroso e iniciar o processo de desligamento deste, inicia-se no Ego o movimento de retração da libido que havia sido investida no objeto que foi agora perdido. Freud (1914), assinala que essa retração da libido é também destinada a assegurar um forte egoísmo, em momentos de dor e de sofrimento. Após o término do processo de luto, esse quantum de libido que foi desinvestido do objeto, encontrar-se-ia livre e disponível para ser investido em um novo objeto. No entanto, no processo da melancolia, a libido retirada do objeto encontra um outro caminho, no qual ao invés de ser lançada ao investimento de um novo objeto substituto à perda, é lançada para o próprio Ego, tomando-o como o objeto que foi perdido. Esse processo de identificação narcísica, no qual o próprio Ego é tomado por si mesmo como seu objeto de amor, é intensificado na tentativa de suportar a perda do objeto que foi constatada pelo juízo de realidade. O autor supõe, então, que na base do processo melancólico está situado um tipo especial de identificação – identificação narcísica – anterior ao investimento objetal e o qual o Ego retoma ao perder o objeto. Dessa suposição, Freud situa sua proposição de que o processo de identificação narcísica é arcaico nas relações do Ego com os objetos amorosos.

As queixas de punição presentes no discurso dos pacientes melancólicos, sentidas como legítimas por aquele que se queixa, revela a presença da identificação narcísica do Ego com o objeto, queixando-se do outro ao queixar-se de si próprio. Freud (1917) assinala que a

fronteira que limita o Ego e o objeto, fica enfraquecida quando ocorre o estabelecimento de uma relação libidinal e um objeto amoroso é eleito.

Dessa maneira, observamos que o período do narcisismo, fundamental para o processo de construção do Ego e do estabelecimento das relações objetais, apoia-se na relação primordial com a alteridade materna, que Freud (1914) indica ser a relação que fornece os primeiros contatos com uma externalidade, ainda que, durante algum tempo, essa percepção permaneça indistinguível psiquicamente para o bebê. Desta forma, nos pareceu imprescindível, nesse momento de nossa investigação, avançarmos um pouco mais no entendimento do processo de construção do narcisismo e da identificação narcísica.

1.2-O processo de identificação narcísica

De acordo com Freud, em *Introdução ao Narcisismo* (1914), as escolhas de objetos amorosos que o indivíduo faz no decorrer de sua trajetória, possuem demarcações das primeiras relações de objeto que o Ego pôde fazer. Os primeiros objetos sexuais são as pessoas responsáveis pela nutrição e cuidados para com o bebê, podendo ser a mãe ou quem a substitua em sua função. A imagem internalizada, da mãe nutriz e do pai protetor, constituem para o indivíduo uma das fontes norteadoras para a escolha dos objetos amorosos, a qual Freud (1914) nomeou como escolha do tipo de apoio. Outro tipo de escolha de objeto é destacado por Freud (1914), ao deparar-se com pacientes que teriam desenvolvido um outro caminho libidinal. A escolha do objeto amoroso não seria a do tipo de apoio, mas se realizaria sobre a imagem que fizeram de si mesmos. A esse tipo de escolha de objeto, Freud (1914) nomeou como escolha do tipo narcísico.

Freud (1914) afirma que se encontram disponíveis, originalmente, para todos os indivíduos, esses dois caminhos do desenvolvimento da libido nas escolhas de objeto, tipo de apoio e tipo narcísico. Podendo existir uma inclinação maior para um ou outro caminho a escolher, acabam por revelar a organização do narcisismo primário dos indivíduos frente a escolha de objeto.

Sobre o tipo de escolha narcísica, Freud (1914) também nos aponta para as relações entre pais e filhos, postulando o lugar do filho como uma posição de objeto investido

libidinalmente. Uma das características que pode ser encontrada nessa relação, que se faz no tipo narcísico, é a de que o objeto escolhido possua algo que remeta ao que o indivíduo gostaria de ser ou de ter sido. Os cuidados dedicados e o afeto investido nos filhos, revela o narcisismo dos pais em estado de identificação com os filhos, e como efeito produz o narcisismo primário nas crianças.

Os pais atribuem aos seus filhos características e qualidades que não seriam observadas nas crianças se não fossem por eles mesmos. A tentativa de poupá-los das dificuldades da própria existência pela qual passaram e a expectativa de sucesso nas áreas que fracassaram, compõem essa relação que remonta e reatualiza o narcisismo dos pais. Como Freud (1914) nos apresenta em uma passagem de seu trabalho, “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascidos, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (FREUD, 1914, p.37)

O narcisismo dos pais possibilita, pela via da identificação narcísica, que o bebê seja tomado como objeto de investimento libidinal dos pais, sendo destinado a ele cuidados. Tais investimentos e cuidados estarão subordinados ao inconsciente dos pais e do lugar subjetivo que o bebê ocupa na trama edípica da mãe, bem como suas possibilidades narcísicas de investimento. Concomitantemente a esses momentos iniciais da vida do bebê, o Ego começa a delinear suas primeiras fronteiras. De acordo com Freud, (1914, p.18), “uma unidade comparável ao Ego não existe desde o começo no indivíduo; o Ego tem que ser desenvolvido”. Em princípio o aparelho psíquico conta com as pulsões autoeróticas, que não possuem objeto sexual específico. No entanto, Freud nos questiona sobre uma necessidade de algo a mais, vindo de fora, que possa causar “uma nova ação psíquica” sobreposto ao autoerotismo, que poderá proporcionar como efeito o narcisismo.

Assim, avancemos um pouco mais nesse ponto, pois ele nos permitirá compreender de que modo esses momentos iniciais da construção do Ego, anteriores ao narcisismo primário, poderão demarcar trilhamentos que exercerão seus efeitos nas relações entre Ego e objetos.

1.3- O autoerotismo e a dualidade pulsional

Em seu trabalho *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905) discorre sobre a organização psicosexual e suas fases correspondentes, bem como, sobre seus efeitos fundamentais para o funcionamento do aparelho psíquico. Inicialmente refere-se ao momento autoerótico da pulsão. É característico desse momento autoerótico, que do ponto de vista do bebê, não seja possível a percepção de um objeto pulsional de satisfação delineado, pela rudimentariedade dos processos psíquicos. No entanto, existe uma alteridade/mãe que se faz presente e que oferece ao bebê os objetos para sua satisfação. A satisfação obtida pelo bebê ainda não pode ser percebida como pertencente à uma externalidade, mas sim, sendo sentida pelo bebê como oriunda das partes do próprio corpo, caracterizando a pulsão autoerótica.

O corpo infantil é erotizado pelos cuidados que são destinados a ele desde os momentos iniciais, e certas áreas começam a ser demarcadas como “zonas de obtenção de prazer”. No primeiro momento, qualquer parte do corpo pode dar prazer à criança, mas devido à importância das funções fisiológicas, algumas regiões passam a ser intensamente erotizadas, ganhando um estatuto diferente no decorrer do desenvolvimento, demarcando as zonas erógenas, como a boca, o ânus, e os genitais.

Os cuidados que a mãe dedica ao bebê demarca libidinalmente essas áreas erógenas, que também incitam sensações prazerosas, colocando em marcha a dinâmica prazer/desprazer no aparelho psíquico. Ao enfatizar a relação originária entre mãe e bebê como propulsora para as possíveis e futuras relações de objeto, Freud (1905) assinala uma indiferenciação entre o objeto da nutrição e o objeto sexual. Nesse primeiro tempo do desenvolvimento, pela impossibilidade de se distinguir em momentos primitivos de construção do Ego o objeto que alimenta, do objeto que satisfaz, o mesmo objeto exerce as duas funções.

Esse período, das fases pré-genitais, tem como início a fase oral, também denominada como canibalesca. O objeto responsável pela nutrição é também o objeto responsável pela satisfação sexual. A satisfação nesse período primitivo ocorre pela via da incorporação do objeto pelo bebê, em decorrência da atuação da pulsão sexual. Desse modo, podemos compreender que na força da pulsão sexual, expressada por meio da fase oral canibalesca, observamos um potencial de agressividade necessário para a fase da nutrição, que possibilita a incorporação canibalesca do objeto. Tal operação psíquica, que acontece ainda com recursos

rudimentares e iniciais do aparelho psíquico, implica no apoderamento e na destruição do objeto, ainda que sem a intencionalidade de destruir, mas como efeito da satisfação da pulsão sexual. A satisfação obtida ao receber o alimento, sana a fome, e ao cumprir essa função nutritiva, também proporciona prazer, instaurando a necessidade de ser repetida, não apenas pela necessidade biológica de alimentar-se, mas pelo prazer sensual que foi proporcionado concomitantemente.

Freud refere-se a um sugar com leite, nomeado como chuchar, presente nas crianças, que consiste “na repetição rítmica de um contato de sucção da boca (lábios)” (FREUD,1905,p.169), que não está, necessariamente, atrelado ao objetivo de nutrir-se. O chuchar é impulsionado pela busca de um prazer que já foi experimentado pelo bebê, que agora busca reencontrá-lo. É comum que uma parte de sua própria pele seja escolhida como objeto para sugar, pois assim, não depende de um objeto externo e pode satisfazer-se, proporcionando-se uma segunda zona erógena. A quantidade de prazer obtido dessa manobra, não alcança uma satisfação superior, o que acaba propiciando que futuramente, quando em fase adulta, o indivíduo busque nos lábios de uma outra pessoa o correspondente dessa zona de satisfação que era em si mesmo. Freud exemplifica essa passagem com uma citação da frase ““Pena eu não poder beijar a mim mesmo”, dir-se-ia subjazer a isso.” (FREUD, 1905, p.171). Observamos com essas afirmações, o entrelaçamento do autoerotismo e do narcisismo, atuando em momentos posteriores do desenvolvimento do indivíduo, nas relações do Ego com os objetos amorosos.

A obtenção de prazer pela zona oral desvinculada da necessidade de nutrição, será uma organização possível, presente na vida adulta com seus objetos substitutos, afim de resgatar a satisfação obtida primordialmente. A mãe ao contemplar e acariciar a criança, proporciona excitação e satisfação das pulsões sexuais, ao passo que, a mãe também satisfaz seu próprio narcisismo ao tratar o filho como um substituto de um objeto sexual, ao investir libidinalmente nele, como seus pais puderam investir nela um dia.

Constitui-se uma identificação entre os cuidados recebidos pela mãe – ou por quem exerça a função materna – e a imagem que vai sendo construída do Ego do bebê. Os carinhos e cuidados que a mãe lhe dedica, possuem como efeitos excitações que pertencem ao campo da pulsão sexual, ocasionando estímulos no corpo. Tais excitações psíquicas e corporais, ao integrarem-se entre si, no processo de construção do Ego, demarcam suas impressões delineando os caminhos pelos quais se possibilitará as futuras experiências de satisfação e de

obtenção de prazer na vida. A intensidade com que tais excitações pulsionais foram despertadas, em maior ou menor grau, exercerão uma função norteadoras para a construção do narcisismo do bebê, bem como, para os investimentos libidinais que o indivíduo poderá vir a fazer em suas escolhas objetais. Os sentimentos que a criança adquire pelos seus cuidadores, possuirá ligação direta com o exercício do amor sexual, evidenciado nas relações amorosas da vida adulta.

De acordo com Freud (1905) é característico da pulsão sexual ter a intenção de apoderar-se do objeto sexual, bem como as moções sexuais serem mais difíceis de serem dominadas pelas atividades anímicas superiores. Ao abordar os períodos de organização pré-genitais, Freud (1905) situa a fase sádico-anal como representante teórico para a polaridade de opostos ativo/passivo, afirmando que essa unidade de opostos perpassará a vida sexual, estando presente desde este período. Podemos conjecturar, que também está presente desde o período de incorporação canibalesca, quando o bebê ao incorporar o objeto ao se satisfazer, o possui ativamente. Freud (1905) contempla a possibilidade de uma pulsão de dominação, inserida no campo das pulsões sexuais, como por exemplo, o movimento da pulsão em dominar o objeto. Inicialmente podemos localizar no corpo os movimentos das pulsões, podendo ser observado em princípio pelos movimentos produzidos pela musculatura, sendo referente à parte ativa. Alguns órgãos internos podem ser relacionados à parte passiva, como a mucosa do intestino, retendo estímulos.

De acordo com Freud (1905), é notória a presença do elemento ódio, que por parte da pulsão de auto-conservação, se movimenta no sentido de destruir os estímulos que perturbem a organização do Ego, apoderando-se do objeto, localizando-se na polaridade ativa. Desse modo, podemos compreender que a pulsão de dominação e seu potencial de destruição, se evidenciam na ação destinada a obtenção de satisfação, no caso da incorporação do objeto e que por efeito provocaria a destruição do objeto. Como também, na ação que teria como principal destino a destruição do estímulo sentido como desprazeroso, e que por efeito de sua eliminação, provocaria satisfação. Tal apontamento inclui o potencial destrutivo, no ódio e no prazer, tanto na pulsão sexual, quanto na pulsão de auto-conservação, indicando um entrelaçamento primitivo da obtenção de satisfação com a ação destrutiva. Sendo proveniente da pulsão de dominação o componente da crueldade, é pertencente à condição infantil, pois nesse período a criança ainda não organizou egoicamente alguma instância psíquica capaz de refrear a pulsão de dominação, bem como a capacidade de sentir compaixão pelo semelhante.

Essas duas facetas complementares da pulsão, ativa/passiva, apresentam-se conjuntamente como possibilidades de satisfação da pulsão sexual, atribuindo à identificação narcísica uma importante função ao vincular parte do Ego ao objeto capaz de lhe satisfazer.

Freud (1905) denominou o sadismo/masochismo, como as formas ativa e passiva da pulsão. As características de atividade e passividade pertencem a universalidade da vida sexual. Desse modo, aproxima-se do caráter perverso dessa dinâmica o ato de infligir dor a outra pessoa e receber os castigos, tornando-se as mais frequentes e notáveis apresentações da perversão nas pulsões. Essa ideia que Freud desenvolve foi denominada por Krafft-Ebing, que situa a obtenção de prazer em “qualquer forma de humilhação ou sujeição” (FREUD, 1905, p.149). Freud afirma que uma atitude ativa ou até mesma violenta, pode ser denominada por sadismo, no entanto, apenas a intencionalidade em obter prazer por estes atos, adquire um caráter de perversão. Em princípio a intencionalidade de causar dor e/ou receber castigos, não estão presentes no Ego, apenas as tendências à obtenção de satisfação e a eliminar o desprazer é que estão regulando os movimentos das pulsões. Se considerarmos que o estado inicial da vida de todo indivíduo é perpassado por um estado de desamparo, que implica em uma dependência da alteridade que se ocupa desse indivíduo, podemos atribuir às influências dessa alteridade, que se manifesta na relação original mãe-bebê, as indicações do que será registrado psiquicamente como bom ou mau por ele. (FREUD, 1930).

De acordo com Freud (1905), o masochismo caracteriza-se em todas as formas passivas de manifestação da vida sexual. É notória a presença dos pares de opostos ativo/passivo, sadismo/masochismo e a concomitância dos impulsos masculinos e femininos atuando simultaneamente em um mesmo indivíduo. O indivíduo que obtém prazer infligindo dor ao parceiro, satisfazendo a função sádica da pulsão, também está satisfazendo a sua função masoquista, pela via da identificação narcísica com o objeto sexual. Em última análise, podemos dizer que ao agredir o objeto, o indivíduo está agredindo a si mesmo simultaneamente, contemplando as polaridades sádica/masoquista da pulsão.

Tais possibilidades de obtenção de prazer, mesmo que com sensações desprazerosas, mas que proporcionam excitação suficiente ao aparelho psíquico, são constituintes da primitiva organização pulsional e dinâmica psíquica. Freud (1915), em seu trabalho intitulado “Os Instintos e seus Destinos”, propõem a existência de três pares para reger a vida psíquica: ego-objeto, prazer-desprazer, ativo-passivo; que nos propicia pensar a dinâmica da polaridade sadismo/ masochismo. Consideramos essa polaridade como uma forma de atuação das pulsões

sexuais e de auto-conservação, que frente a dinâmica sadismo/masoquismo indicam haver a necessidade de pensar algo para além das pulsões conceituadas até o momento. Incluem-se a dualidade amor/ódio como via das relações do Ego com os objetos e para consigo mesmo, uma vez que o Ego é, ao mesmo tempo, constituinte e objeto da pulsão.

No entanto, nem todas as demandas das pulsões de auto-conservação são capazes de serem satisfeitas pelos impulsos autoeróticos. A pulsão sexual necessita de objetos para se satisfazer, exigindo que alterações sejam efetuadas na rudimentar organização egóica, que primariamente toma o próprio Ego como objeto na experiência autoerótica, como também na posterior constituição narcísica.

Pela condição inicial de desamparo e de necessidade de cuidados que o indivíduo se encontra no início da vida, inserem-se em sua experiência as primeiras satisfações percebidas como oferecidas pelo exterior. Alguns de seus estímulos internos são sentidos como desprazerosos, ao mesmo tempo que o mundo externo oferece objetos que satisfazem suas necessidades e apaziguam tais estímulos. O bebê incorpora em seu mundo interno os objetos apresentados que são sentidos como prazerosos. Os estímulos desprazerosos passam a pertencer, parcialmente, ao mundo externo, sentidos como vindos de fora, por meio dos mecanismos de introjeção e projeção. Esse estado inicial de desamparo, e os possíveis cuidados e obtenção de satisfação, proporcionados por alguém que oferece esses cuidados, preconizam que o Ego caminhe para uma organização que contempla a existência de um mundo externo, que já se fazia presente, mas que ainda não era percebido pelo Ego como externo.

O Ego segrega uma parte sua ao distinguir primitivamente um mundo interno de um mundo externo. Fundamentado em suas impressões prazerosas e desprazerosas, a parte que permanece interna é correspondente às impressões prazerosas. Em contrapartida, a parte denominada como pertencente à uma externalidade passa a ser reconhecida pelas sensações desprazerosas. No entanto, consideramos que tais processos psíquicos de diferenciação entre mundo interno e mundo externo, ocorrem de modo gradual e parcialmente, permanecendo uma parcela de indiferenciação entre mundo interno/externo, uma interface entre Ego/objeto que se sobrepõe um ao outro.

Frente a essa reorganização, o mundo externo, antes não percebido em sua existência, deixa de ser indiferente para o Ego, passando a ser conteúdo desprazeroso. Freud (1915) afirma que originalmente a relação com o mundo externo é estabelecida pelo ódio. Os objetos

apresentados e percebidos como intervenções externas, são primordialmente odiados por perturbarem a organização primitiva que obtinha satisfação pelo autoerotismo. Os objetos ao proporcionarem prazer e satisfação aos estímulos internos, passam a ser amados.

O Ego busca aproximar-se dos objetos, quando lhes proporcionam sensações prazerosas, sentindo-se atraído por eles, amando-os. Quando os objetos lhe trazem sensações desprazerosas, o Ego tende a repeli-los, reproduzindo a tentativa original de fugir dos estímulos externos, odiando-os. A ambivalência amor/ódio se apresenta frente aos mesmos objetos, que podem satisfazer, como também, frustrar as necessidades do Ego. Fica evidente para Freud (1915), que essa oposição amor/ódio, é referente à relação do Ego com os objetos da pulsão, o que por consequência, diz respeito a si mesmo, sendo o Ego também tomado como objeto da pulsão.

No que se refere ao ódio, Freud (1915) afirma que esse elemento pode alcançar níveis bastante elevados e destinar-se intencionalmente a extinguir e aniquilar o objeto. Nessa tentativa de extinguir os objetos que são fontes de desprazer, o Ego não diferencia se o desprazer é oriundo da pulsão sexual ou de auto-conservação, sendo assim, o objeto que satisfaz a necessidade está entrelaçado com o objeto da satisfação sexual.

Esses momentos iniciais das pulsões, sexual e auto-conservação, permitem que os elementos de amor e de ódio se apresentem de maneira parcial com metas que possuem a mesma finalidade. O movimento da pulsão sexual e de auto-conservação em incorporar e se apoderar do objeto em períodos de organizações muito primitivas do Ego, não supõem a possibilidade do aniquilamento do objeto. Esse período de uma aparente indiferenciação no movimento das pulsões em relação ao objeto, demarca uma face importante de uma das possibilidades do Ego em se relacionar com os objetos. Tanto o amor quanto o ódio, sustentados por essas impressões iniciais, podem acarretar no aniquilamento do objeto, pois em origem, apresentam um potencial destrutivo desde os momentos iniciais, primitivos. O amor com sua voracidade por incorporar e devorar o objeto, e o ódio, em sua ânsia pelo apoderamento e extinção do objeto. Ambos atuando na tentativa de eliminar o desprazer e obter satisfação. No entanto, Freud avança em suas considerações sobre a questão da ambivalência no âmbito da dinâmica pulsional, que nos elucida as polaridades sádica/masquista nas relações do Ego-objeto.

Desse modo, a investigação da ambivalência na dinâmica pulsional tornou-se elemento fundamental para o desenrolar de nossa pesquisa, de modo que nos auxilia no entendimento da destrutividade endereçada ao objeto que é também amado. Passamos então para o próximo subcapítulo, a fim de prosseguirmos com nossas conjecturas sobre o tema.

1.4- Dinâmica pulsional e ambivalência

Freud assinala, em seu trabalho *Os Instintos e seus Destinos* (1915), que todo objeto amado, é também igualmente odiado. Nessa perspectiva, Freud utiliza-se do conceito de ambivalência, que alude a organização da polaridade sadismo/masiquismo, amor/ódio, na dinâmica do aparelho psíquico. Dentre os pares de opostos, a dualidade amor/ódio apresenta-se no processo de construção do Ego, bem como no processo de construção das relações Ego-objeto. A ambivalência amor/ódio, permite, paradoxalmente, que o Ego possa se identificar e se vincular ao objeto, como também, ao mesmo tempo, permite que o Ego se diferencie do objeto. Desse modo, a parcela de amor proporciona a aproximação entre o Ego e o objeto, enquanto que a parcela de ódio repele, permitindo ataques a esse objeto ao qual se vinculou, possibilitando a diferenciação entre Ego e objeto.

Nesses termos, reconhecemos que um potencial de ação destrutiva está presente originalmente na construção do Ego, inerente à força e à potência das pulsões. Esse potencial destrutivo ao permitir que o Ego se diferencie do objeto, também permite que o Ego possa, gradativamente, fortalecer suas fronteiras e singularizar-se. Essa operação psíquica que o potencial destrutivo das pulsões coloca em movimento, é fundamental para o processo de construção do Ego e das relações objetais, pois a força pulsional permite tanto a aproximação, quanto o afastamento do objeto, e esses dois movimentos são necessários para as demarcações psíquicas produzirem efeitos de constituição subjetiva.

Durante o processo identificatório entre Ego-objeto, as manifestações de amor/ódio atingem tanto ao objeto quanto ao Ego. A possível perda do objeto investido libidinalmente, leva consigo a perda de uma parcela do Ego, que pela via da identificação narcísica encontra uma sobreposição no lugar do objeto, permitindo que os ataques, punições e queixas que estariam endereçados ao objeto, direcionem-se também ao próprio Ego. Neste enquadre teórico, Freud (1916) elucida a dinâmica pulsional presente em um tema que lhe intrigava,

principalmente quanto aos seus efeitos avassaladores para o Ego, o suicídio. Questionava-se sobre a origem e a permissividade do Ego ao receber os ataques mortíferos, por vezes, conduzindo-o ao seu próprio fim. Freud (1916) encontra no processo de identificação narcísica com o objeto, um ponto de ancoragem para que Ego e objeto se sobreponham, permitindo assim que o Ego ao desejar aniquilar o objeto, destinando-lhe sua potência destrutiva, aniquile a si mesmo. A ambivalência pulsional concebe a possibilidade de uma interface entre Ego/objeto, na qual uma indistinção entre ambos fica operante. Suplantados pelo narcisismo, o objeto amado/odiado é parcialmente o próprio Ego, que dirige ao objeto os tratamentos que dirige a si mesmo, tanto ao lhe agradar como ao lhe maltratar. A dinâmica dessa ambivalência amor/ódio, que admite que o mesmo objeto, identificado ao Ego, seja amado e odiado simultaneamente, é possibilitado pela dinâmica das pulsões sexuais e de auto-conservação, que de acordo com Freud (1905) em um momento inicial, encontram-se indiferenciadas entre si. No entanto, mesmo após a organização das pulsões no aparelho psíquico em caráter dualista, uma parcela de indistinção entre as pulsões sexuais e as pulsões de auto-conservação permanecem preservadas para toda a vida, designando libido ao Ego. Tal afirmação parece nos indicar que algo da indistinção inicial das referidas pulsões, permanece no decurso da construção do Ego e das relações objetais, admitindo a possibilidade de um ponto reflexivo na dinâmica das pulsões, como observado na ambivalência.

Considerando a possibilidade da dinâmica pulsional admitir a coexistência das oposições sádicas/masquistas atuarem simultaneamente em uma mesma corrente afetiva, e tendo em vista que a meta da pulsão é sempre alcançar a satisfação, os caminhos pelos quais a meta será atingida e, portanto, satisfeita, poderão ser os mais variáveis possíveis. A satisfação poderá ser obtida por várias metas diferentes ou substituída por outra ao longo do circuito pulsional. Há também as metas que encontram alguma inibição ou desvio ao longo desse circuito, alcançando apenas satisfação parcial. O objeto escolhido para obtenção de prazer, não está posto em um a priori, sendo assim, entre a necessidade da pulsão e a escolha do objeto capaz de lhe satisfazer, atravessam-se as fantasias e os desejos inconscientes.

Em seu trabalho, *Batem em uma criança*, de 1919, Freud aponta para uma fantasia masoquista, recorrente em seus pacientes, de que uma criança era surrada por um adulto. Ao se aproximar desse tema, Freud se depara com um componente erótico dessa fantasia, pois seus pacientes sentiam-se impelidos a atos masturbatórios, frente a esse fantasiar, que os proporcionava a obtenção de satisfação sexual. A investigação psicanalítica mostrou a Freud

(1919), que a criança que apanhava era a mesma que fantasiava o apanhar, e o adulto que batia era um dos pais, no caso da menina o pai, no caso do menino a mãe. As crianças, durante o complexo de Édipo, são guiadas pela ideia de que são fortemente amadas pelos pais, o que assume um sentido genital para elas. Como o desejo de ter um filho com o pai, para a menina, e casar-se com a mãe, para o menino, que são interesses próprios do período edípico. Freud (1919), encontra no período do Complexo de Édipo um possível disparador dessa fantasia, tomando como base o desejo recalcado da criança por um dos seus pais. Frente ao amor incestuoso, o destino do desejo é ser recalcado. Como efeito da proibição e do recalque, o sentimento de culpa torna-se um afeto substituto do desejo. A fantasia de uma criança ser espancada, une ao mesmo tempo, o amor por um dos pais e o castigo por tê-lo desejado, uma vez que frente a barreira do incesto, seu desejo é proibido. Como nos assinala Freud:

“Ser golpeado é agora uma convergência de consciência de culpa e erotismo; é não só o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo para ela, e desta última fonte retira a excitação libidinal, que a partir de então estará unida a ele e que achará desafogo em atos masturbatórios. Essa é, enfim, a essência do masoquismo”, (FREUD, 1919, p.308).

Essa perspectiva nos indica a intrínseca relação entre amor e agressão e a possibilidade de coexistirem na dinâmica psíquica como representantes de uma mesma ligação de afeto. Na dinâmica pulsional sadismo/masoquismo, a meta da face sádica da pulsão é causar dor e sofrimento ao objeto, localizando sua função ativa. No entanto, em sua reversão da atividade na passividade, um dos destinos pulsionais, o masoquismo mostra-se como polaridade que aceita e retira satisfação dos maus tratos recebidos pelo próprio Ego.

Freud (1915) defende a ideia de um sadismo original nesse momento teórico, partindo de uma atividade inerente à dinâmica psíquica, voltada para fora do Ego. O retorno desse impulso sádico sobre o Ego é que caracterizava a satisfação masoquista. A relação da pulsão com os objetos do Ego vai sendo construída ao longo do processo da constituição da subjetividade. Em origem, a pulsão encontra um estado de excitação que inunda o aparelho psíquico e que causa dor, ao mesmo tempo que causa um estado prazeroso, no próprio desprazer. A partir dessa experiência inicial, a satisfação pulsional admite paradoxalmente a possibilidade da obtenção de prazer no desprazer. Com isso, se organizam caminhos pulsionais de satisfação, inscrevendo demarcações pulsionais masoquistas, ao alcançar satisfação em

decorrência do desprazer e demarcações pulsionais sádicas, ao alcançar satisfação ao causar dor ao objeto. Considerando a identificação narcísica do Ego com o objeto da pulsão, para além da satisfação sádica ao atingir o objeto, está presente a satisfação que é obtida pelo masoquismo em si mesmo. O indivíduo que pratica a ação sádica, satisfaz-se duplamente, pois possuindo em si mesmo a dualidade pulsional, e identificado com o objeto agredido, satisfaz também seu próprio masoquismo.

Para compreender esse retorno da pulsão sádica ao Ego e transformá-la em masoquismo, Freud (1915) situa no período de construção do narcisismo o trilhamento para que esse processo de retorno da pulsão possa se efetivar. O período de construção do narcisismo demarca modos de organização do Ego para as fases seguintes. Essas demarcações trazem consigo as inscrições desse período inicial de organização, que norteia o movimento de retorno da pulsão para o próprio Ego, transformando-se em sua face masoquista. O sadismo retorna ao Ego, pela via da identificação narcísica com o objeto, ao qual o sadismo estaria endereçado para receber a descarga pulsional. Como Freud (1905) afirma, “O sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista, ainda que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ter-se desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua atividade sexual dominante”. (FREUD, 1905, p.151)

A conversão de amor em ódio é o movimento que explicita a ambivalência afetiva e a reversão do conteúdo da pulsão em seu contrário. Freud (1915) define amar “como a relação do Ego com as suas fontes de prazer” (FREUD, 1915, p.74). Apresenta três oposições para o amar, respectivamente, amor-ódio, amar - ser amado, e amor e ódio. A segunda oposição amar - ser amado, evidencia o narcisismo presente nesse arranjo, que pode ser compreendido como amar a si mesmo, como também, corresponde a reversão da atividade em passividade. Amar aproxima-se de uma atividade, que se elege um objeto, ser amado aproxima-se da passividade em ser eleito como objeto.

A polaridade sadismo/masoquismo, por possuir um modo específico de encontrar satisfação, por intermédio da dor, interroga Freud (1915) sobre essa dinâmica. A teorização referente ao princípio do prazer tornou-se vulnerável ao contemplar essa atuação pulsional sádica/ masoquista que se satisfazia por intermédio do desprazer e não de sua eliminação.

Diante de tais questionamentos, se insere na teoria psicanalítica a necessidade de mais uma vertente para compreender os processos psíquicos, a questão econômica. Tal formulação

será de grande valia para nossa investigação, ao passo que nos permite elucidar elementos importantes a respeito do sadismo/masiquismo e da possibilidade de entendimento de tal dinâmica pulsional.

1.5 – Pulsões de vida e pulsão de morte

Ao se aprofundar em sua pesquisa psicanalítica, Freud (1920) percebe a necessidade teórica da reordenação de alguns de seus conceitos, com o intuito de melhor compreender e desvendar os processos psíquicos. Tais questionamentos apresentaram-se para Freud por volta do ano de 1920, momento em que a teoria psicanalítica recebeu reordenações importantes, principalmente ao que se refere à teoria pulsional. Freud (1920), considera que ao inserir a questão econômica, juntamente com as vertentes topológica e dinâmica, sobre as quais já estava desenvolvendo sua teoria, a abrangência do conhecimento sobre a vida psíquica poderia ser contemplada, adquirindo o status de *metapsicologia*.

Em seu trabalho intitulado *Além do princípio do Prazer*, de 1920, Freud apresenta a teoria pulsional sob um diferente enquadre teórico, o que lhe permitiu conceituar a existência de algo que estava atuante no aparelho psíquico, mas que escapava ao princípio do prazer. De acordo com Freud (1920), o princípio do prazer poderia ser compreendido também por um viés quantitativo, referente à quantidade de excitação. O aumento da quantidade de excitação proporciona desprazer e a diminuição de sua quantidade reestabelece a satisfação. Nessa perspectiva, o que torna a excitação no aparelho psíquico prazerosa ou desprazerosa, é a sua medida, ou paradoxalmente, seu diferencial. Considerando que a função do princípio do prazer é impulsionar o indivíduo em suas ações para que encontre satisfação, Freud (1920) interrogasse sobre esse funcionamento, em casos que claramente as ações do indivíduo lhe conduzem ao desprazer.

No curso da construção do Ego, as pulsões de auto-conservação eram impelidas pelo princípio do prazer em apaziguar as tensões que eram sentidas como nocivas à integridade do Ego. Com a conquista de maiores estágios de integração egóica, o princípio do prazer é somado ao *princípio da realidade*. Tal princípio, preserva a finalidade de obter prazer, ao mesmo tempo que consente que essa satisfação possa ser adiada ou até mesma substituída parcialmente em sua realização, suportando durante algum período a sensação de desprazer. O princípio da

realidade impõe à dinâmica prazer/desprazer exigências do mundo externo, que nem sempre permitem que a satisfação se realize de imediato. Algumas das pulsões encontram-se dispersas e com metas diferentes da maioria que permanece atuante. Suas respectivas metas tornam-se inibidas ou extinguidas em sua satisfação. Esse despreazer é gerado pelo mecanismo do recalque, que interdita tais pulsões parciais. Em origem, essas pulsões seriam um impulso que teria como destino satisfazer-se. Quando se torna possível que a pulsão parcial, que teve seu conteúdo inibido, possa enfim se satisfazer, mesmo que de forma substitutiva, o sentimento obtido com a realização dessa satisfação é desprazeroso.

Freud (1920) assinala duas vertentes responsáveis pelo sentimento de despreazer sentido pelos indivíduos; o estabelecimento do princípio de realidade e o mecanismo do recalque. No entanto, essas duas vertentes não são suficientes para abranger todo o despreazer sentido frente a experiência de estar vivo. Ao se deparar com casos em que os pacientes apresentavam sintomas oriundos de traumas, por acidentes, desastres ou de guerra, Freud (1920) observou que os ataques de angústia eram frequentes e que seus pacientes apresentavam semelhanças sintomáticas com os quadros de histeria. Entre eles havia em comum a tendência a reviver a situação traumática.

Os sonhos de angústia e o brincar das crianças, instigam Freud (1920) a prosseguir investigando sobre a repetição das situações traumáticas. Sustentando as suas premissas teóricas de que todo sonho é a realização de um desejo, Freud (1920) questiona-se como seus pacientes poderiam estar sonhando com episódios traumáticos, cenas da guerra e situações que lhes causavam grande quantidade de angústia. Ao observar o brincar de algumas crianças, se depara com situações de experiências traumáticas vividas por elas, fontes de grande angústia, sendo revividas em suas brincadeiras. Interroga-se sobre qual a relação do princípio do prazer, que deveria repelir a aproximação de tais lembranças desprazerosas, e a motivação para que tais lembranças e experiências fossem encenadas e lembradas. Duas hipóteses lhe parecem pertinentes nesse momento. A função dos sonhos como realização de desejo poderia ter sofrido alterações em seu objetivo, ou as inclinações masoquistas do Ego poderiam ser consideradas¹.

O par de opostos ativo/passivo, indica para Freud (1920), que a criança ao ter sido atingida pelo trauma, encontrava-se em posição passiva frente a situação. Ao revivê-la por

¹ Freud já se referia sobre as tendências masoquistas presentes no ego e também na constituição sexual dos indivíduos em 1900, no trabalho “Interpretação dos Sonhos”, no capítulo quatro, ao discorrer sobre a distorção nos sonhos.

meio da brincadeira, poderia ocupar uma posição ativa, atribuindo a um outro objeto, outra criança, o lugar passivo que ocupara, tornando-se ativa na situação. A satisfação era retirada dessa posição ativa, em poder infligir ao seu substituto os mesmos sofrimentos que lhe foram impostos. As dinâmicas sádicas/masoquistas evidenciam-se nessas experiências, atuando conjuntamente com as polaridades ativo/passivo.

Tais observações indicam que considerar o princípio do prazer como único domínio sob o qual o aparelho psíquico está subordinado, não podem contemplar toda sua gama de possibilidades referentes a seus processos. A revivência de situações desprazerosas trazem junto consigo a angústia e o sofrimento, sendo difícil compreender esse movimento da pulsão considerando apenas a perspectiva teórica do princípio do prazer e do princípio da realidade. Desse modo, evidencia-se a necessidade de se investigar algo que estava mais além do princípio do prazer, anterior a ele, ainda mais primitivo.

Freud (1920) se depara com repetições de situações traumáticas vividas por seus pacientes, que se atualizavam na transferência. Os conteúdos recalçados, inconscientes, referentes à vida sexual infantil do indivíduo, são reavivados pela influência da transferência. Freud (1920) afirma que ao repetirem essas experiências passadas, sustentados pelo trabalho analítico, os pacientes podem substituir o conflito infantil pela relação atual, instaurando uma *neurose de transferência*. A repetição na neurose de transferência permite que o paciente reviva o que estava esquecido, ao passo que conserva algo da situação atual, contemporâneo ao seu momento de vida. Freud nomeia essas séries de repetições como *compulsão à repetição*.

A compulsão à repetição libera os conteúdos que estavam recalçados, ocasionando desprazer. As resistências oferecem dificuldades ao acesso dos conteúdos, trabalhando em favor do princípio do prazer, evitando que emergam os afetos desprazerosos. No entanto, a lógica da compulsão à repetição parece contrariar o princípio do prazer. O Ego, influenciado pelas pulsões de auto-conservação, tende a ser preservado do acesso aos conteúdos inconscientes, que por razões desprazerosas já haviam sido recalçados. A repetição, bem ao contrário, insiste para que esses conteúdos alcancem a consciência. Freud (1920) afirma que a compulsão à repetição supera o princípio do prazer. Observa inúmeros caso de seus pacientes, que viviam situação repetidas na vida, mesmo que com diferentes pessoas. Como se estivessem condenados a um destino, que apesar dos esforços da consciência em evitar e se proteger, algo retornava e mais uma vez produzia sofrimento.

Ao analisar os sonhos que traziam como conteúdos lembranças das situações traumáticas, Freud (1920) conclui que não se tratava de sonhos de realização de desejo, que estariam vinculados ao princípio do prazer. De acordo com Freud (1920) “Se existe um além do princípio do prazer, é coerente admitir que também houve uma época anterior à tendência dos sonhos a realizar desejos” (FREUD, 1920, p.196). Com essa afirmação, Freud indica a presença de um momento primitivo, demarcado pelos efeitos da pulsão no aparelho psíquico, que servirá de pano de fundo para que o inconsciente seja fundado, e até mesmo o circuito pulsional seja instaurado.

Tendo observado que a angústia na vida anímica preparava o aparelho psíquico para uma forte situação de perigo, os traumas sofridos por seus pacientes não puderam contar com essa preparação. O aparelho psíquico inundado pelas inesperadas excitações, despertadas pela situação traumática, precisa dar um encaminhamento ao excedente de energia. O processo de ligar à alguma representação essa energia, ocorre nas camadas mais elevadas do aparelho psíquico, situadas no inconsciente, como processo primário. A compulsão à repetição encontra-se atrelada à essa função que é a primeira tarefa do aparelho psíquico. Antecedente ao princípio do prazer, apresenta-se como uma função primitiva.

A dualidade prazer-desprazer organiza as pulsões sexuais e as pulsões de auto-conservação. Frente a inserção teórica da compulsão à repetição, uma reordenação do entendimento das pulsões também se fez necessário. As pulsões sexuais, oriundas dos estímulos internos, são mais fortes e não se refreiam em sua satisfação com o embate das oposições. As pulsões de auto-conservação, tendendo a preservar a integridade do Ego frente aos estímulos externos, procuram evitar e eliminar esses estímulos que causam movimentos perturbadores para sua organização. Um conflito entre as pulsões sexuais e de auto-conservação se estabelece. Freud (1920) aponta para uma posição paradoxal, em que as pulsões de auto-conservação, na tendência de preservar o Ego, impedem que esses mesmo estímulos perturbadores provoquem como efeito mudanças em sua organização, que impulsionariam em uma maior consolidação do Ego. Desse modo, o estímulo que perturba, também permite que novos movimentos ocorram, ao passo que a mesma força usada para conservar, acaba por inibir a possibilidade de processos de desenvolvimento.

As pulsões sexuais, que tendem a satisfazer os estímulos, também são responsáveis pela função reprodutiva nos indivíduos. Essa constatação permite que Freud (1920) inclua um aspecto de conservação às pulsões desse grupo. Para além da função sexual, da qual

organicamente depende a perpetuação genética do indivíduo, também o ímpeto que as pulsões sexuais apresentam, frente às dificuldades encontradas para sua satisfação, caracterizam sua forte tendência à conservação da vida. Sob tais perspectivas, Freud nomeia as pulsões sexuais e de auto-conservação como *pulsões de vida*. Sua composição estabelece um conflito entre a tendência que impulsiona para a evolução do Ego e a tendência em eliminar os estímulos perturbadores. Essa tendência conservadora em sua meta, pode conduzir o Ego à sua destruição. Frente ao caráter de auto-conservação das pulsões do Ego, Freud (1920) acentua que a tendência a manter o aparelho psíquico com o mais baixo nível de excitação, apoia-se no princípio da constância. No entanto, ao conservar constante o limiar de excitação no aparelho psíquico, o que resultaria no mais baixo nível possível, tendendo a um estado sem excitação, as pulsões de conservação colocam em risco a própria existência da vida do indivíduo, podendo conduzi-lo à morte.

Tais constatações implicam em uma necessidade de conceituação, sendo necessário que Freud (1920) formule o conceito de *pulsão de morte*, o que lhe permite teorizar sobre esse impulso que se apresenta desde os momentos de organização primitiva do Ego, causando como efeito no aparelho psíquico movimentos desagregadores do Ego.

Freud (1920) ao constatar essa diferença original entre pulsão de vida e pulsão de morte, constitui o caráter dualista da pulsão, trazendo consigo os pares de opostos e a presença de uma ambivalência primitiva. No entanto, em várias passagens da teoria freudiana se faz presente os momentos de indistinção entre as pulsões de vida e de morte. O campo das excitações erógenas nos fornecem subsídios para pensar essa indistinção entre estímulos desprazerosos e sexuais, bem como os objetos iniciais, que ao mesmo tempo são amados e odiados, servindo tanto à necessidade quanto ao desejo. No entanto, se podemos considerar a existência dessa dualidade primitiva, como compreender que em determinados momentos as pulsões, dualidade vida e morte, se apresentem indistintas?

Nos propomos pensar sobre essa questão, o que nos encaminha até a possibilidade de uma releitura sobre a pulsão de morte, que se apoia principalmente nas ideias de Garcia-Roza (1986), que sugere pensarmos em uma pulsão original, desprovida de qualidade em princípio. Com esse objetivo, Garcia-Roza parte do fato de que a partir de 1920, as pulsões passam a ser compreendidas como pulsão de vida e de morte. Mesmo com todas as reformulações e reorganizações que Freud propõem para a teoria das pulsões, seu posicionamento dualista

permanece conservado, até mesmo reasssegurado, buscando na biologia suporte para esse dualismo.

Para Garcia-Roza (1986), é possível respeitar a ideia dualista de Freud sem que para isso precisemos partir de um dualismo ontológico. Sugere que as pulsões de vida e de morte possam ser compreendidas como “modos de ser da pulsão” (GARCIA-ROZA, 1986, p.55), conservando seu caráter dualista. A sua proposta é a de que inicialmente a pulsão seria desprovida de qualidade, seria pulsão em si mesma, sem uma distinção ontológica, atribuindo a distinção vida e morte como resultado de um efeito da organização do campo pulsional no aparelho psíquico. Seria então, uma força pulsional que ao chegar no aparelho psíquico, assume “modos de ser”, como efeito desse encontro. É a partir da ligação pulsional com os representantes psíquicos que a pulsão se diferencia. Como afirma Freud, “a pulsão de morte “é a pulsão por excelência”” (*apud*, Garcia-Roza, 1986, p.57), pois, antes do objeto ser apresentado e investido, a pulsão sexual não pode se constituir, existindo apenas como pulsão, pulsão original. A possibilidade de pensarmos em uma pulsão original, desprovida ontologicamente de qualidades, mas que se expressa no aparelho psíquico por meio da dualidade vida/morte (amor/ódio) nos encaminha para o estudo dos pares de opostos do sadismo/masochismo, entendidos como representantes desse dualismo. Tal estudo se apresenta importante para nossos propósitos investigativos pois ao pensarmos a destrutividade nas relações amorosas, se faz imprescindível a tentativa de compreensão da participação do sadismo/masochismo na construção do Ego e das relações com os objetos.

1.6– Dinâmica pulsional sadismo/masochismo

A ligação da pulsão com os representantes psíquicos e o suporte oferecido pela alteridade que sustenta esses momentos primitivos na construção da subjetividade, produzem como efeito a organização psíquica em movimentos de agregação e de desagregação para o Ego. A partir dessa perspectiva sobre a pulsão de morte como pulsão original, desprovida de qualidade em sua origem, poderemos reconhecer a intrínseca relação das pulsões de vida e de morte, na polaridade amor/ódio. Freud questiona-se sobre como é possível que a mesma pulsão destinada à conservação da vida, Eros, possa conter em si o componente sádico, capaz de ferir e destruir o objeto amoroso. Na tentativa de solucionar essa questão, Freud (1920) relaciona o sadismo com a pulsão de morte.

Freud (1920) se refere à fase da organização da libido em torno da oralidade, na qual “a posse amorosa ainda coincide com a destruição do objeto”, (FREUD, 1920, p. 225), em decorrência da incorporação do objeto, correspondente à fase oral canibalesca. O sadismo vincula-se às pulsões sexuais, exercendo sua função na fase genital e ao que se destina ao ato sexual, nos quais atua na intenção de posse, dominação e subjugamento do objeto amoroso.

O sadismo podendo ser compreendido como parcialmente expelido do Ego e vinculado às pulsões sexuais, permite que Freud (1920) reformule a ideia de um masoquismo secundário, como um retorno do sadismo sobre o próprio Ego, admitindo a possibilidade de um masoquismo também primário. Nesses termos, o retorno do sadismo sobre o próprio Ego, seria a regressão à uma fase masoquista anterior e pré-existente. O masoquismo, inserido na dinâmica psíquica, portanto governado pelo princípio do prazer, instaura uma questão referente à economia psíquica, que elucidou reordenações teóricas na psicanálise, permitido pela conceituação da pulsão de morte. Se o impulso masoquista concebe a dor e o desprazer como objetivos de sua satisfação, e o princípio do prazer possui por função evitar o desprazer, como é possível essa operação no aparelho psíquico?

Freud aborda essa problemática em seu trabalho *O problema econômico do masoquismo*, de 1924, apresentando a relação do princípio do prazer com as pulsões de vida e de morte. A partir da convicção da tendência à estabilidade do aparelho psíquico, que tende a manter a tensão energética mais baixa possível, podemos entender que, o princípio do prazer está a serviço da pulsão de morte, pois ao tender evitar o desprazer e permanecer constantemente nesse estado, procura reduzir a quantidade de estímulos. A pulsão de vida, em contrapartida, provoca inquietude e perturba essa primeira organização. No entanto, a proposta quantitativa não é suficiente para abarcar a questão econômica do princípio do prazer. Freud (1924) se refere a alguns aumentos de tensão energética que são sentidos como prazerosos, como as excitações sexuais, que tem em seu decréscimo de tensão a diminuição do prazer. Frente a isso, fica evidente que muito além de uma questão quantitativa, é a qualidade dos estímulos que designam sensações prazerosas ou desprazerosas. Freud (1924) aponta para a presença dos três princípios operando juntos: princípio do nirvana, princípio do prazer e princípio da realidade. O Ego é capaz de articular, não sem conflito, as demandas de uma diminuição quantitativa dos estímulos, por um lado, uma demanda qualitativa por outro e ainda regular o adiamento provisório de sua satisfação ou sua substituição.

A satisfação retirada do masoquismo tem sua origem em tempos primitivos da organização do Ego. Como Freud (1905) já apontava em momentos iniciais da sua teoria, um masoquismo erógeno, apresenta-se como primitivo. O masoquismo erógeno² conta com bases biológicas e constitucionais, que Freud (1924) localiza no período autoerótico, no qual as excitações provenientes do interior do organismo, ao excederem um limiar quantitativo, oferecem excitação sexual, acompanhadas de investimento da libido. A excitação sexual ocasiona inundamento de estímulos no aparelho psíquico, tal como a dor e o desprazer também proporcionam. Nestes momentos iniciais, a organização psíquica é rudimentar e a distinção entre estímulos prazerosos e desprazerosos não é possível de ser realizada. O aparelho psíquico conta apenas com informações no nível quantitativo de estímulos que são recebidos e de alguma maneira são atenuados. Essas primeiras experiências produzem a base fisiológica infantil, para que a constituição do masoquismo erógeno possa ocorrer. Essa base fisiológica desaparece, no curso das futuras organizações egóicas, deixando seu trilhamento pulsional inscrito como um dos caminhos para a obtenção de prazer, intimamente relacionados com os estímulos que provocavam dor, possibilitando encontrar o prazer na dor.

O sadismo liga-se à pulsão de morte ao direcionar seus esforços para destruir e expulsar os estímulos desprazerosos do interior da vida psíquica. A pulsão de morte localiza-se como base fundamental dos estímulos, transformando-se em sadismo e masoquismo, como efeito de uma organização psíquica. Freud (1924) afirma que uma parcela da pulsão de morte é colocada ao serviço da função sexual, tornando-se o sadismo propriamente dito e uma outra parcela não conseguiria realizar essa transposição para fora, permanecendo no interior do organismo. Associada à excitação sexual, que atua concomitantemente, liga-se à libido e passa a operar como o masoquismo erógeno original.

O masoquismo erógeno perpassa as diferentes fases das organizações psicosexuais, estando presente na incorporação canibalesca do objeto, nas fantasias de apanhar do pai, nas fantasias sexuais em ser possuído e dar à luz. Os órgãos investidos libidinalmente e correspondentes a essas fases, ocupam lugar de privilégio nas práticas que podem satisfazer as tendências masoquistas do indivíduo, como o seio e a boca para a fase oral, as nádegas para a fase sádico-anal e os genitais na fase genital. Compreendemos que o corpo adquire uma função de reunir e articular as ligações pulsionais com os objetos, sendo ele mesmo objeto narcísico

² Priorizamos, nesse momento, a explanação do masoquismo erógeno, pela sua íntima relação com a pulsão de morte em origem. No entanto, consideramos as duas outras formas de organização do masoquismo no aparelho psíquico, o masoquismo feminino e o moral, apresentados por Freud (1924).

investido, oferece-se às situações que satisfaçam o seu masoquismo e, por conseguinte, o sadismo de outrem e de si mesmo, com base no caráter pulsional reflexivo.

O sadismo, pulsão de morte direcionada para fora, manifesta-se com a tendência à destruição, e pode encontrar modos de realização e de satisfação ao aniquilar, se apoderar e destruir os objetos. No entanto, a repressão cultural, o processo civilizatório, interdita e redireciona parte desse sadismo, que precisa encontrar outros modos de se satisfazer. Essa parte que foi rechaçada pela cultura, retorna ao Ego com seus conteúdos destrutivos, intensificando o masoquismo original. Esse masoquismo secundário, que não conseguiu cumprir com seu objetivo, regride a seu estado anterior, sendo introjetado no Ego, atacando-o como próprio objeto a ser destruído.

Em seu trabalho *O Mal-Estar na Civilização* (1930), Freud assinala que o processo cultural, a fim de regular as relações entre os indivíduos na sociedade, implica em interditar as metas de satisfação das pulsões sexuais e de agressão. Como resultado dessa interdição, a cultura de uma sociedade se estabelece, encontrando na produção cultural algumas satisfações substitutivas para as pulsões.

A libido que é empreendida nos ideais culturais é desviada da vida sexual, uma vez que não há quantidade ilimitada de libido disponível, uma distribuição entre as exigências da vida e da sexualidade precisa ser efetuada. Como Freud (1930) nos indica “Por um lado, o amor se opõe aos interesses da cultura; por outro lado, a cultura ameaça o amor com sensíveis restrições” (FREUD, 1930, p.66). O estabelecimento da cultura promove a insatisfação no indivíduo, pois estando imerso na cultura não pode se satisfazer livremente, e com o intuito de aplacar seu mal-estar, o indivíduo dedica-se ao aumento da produção cultural na tentativa de encontrar satisfações parciais às pulsões recalcadas. A cultura é construída, paradoxalmente, como resultado do conflito entre Eros e a destruição, ocupando uma área intermediária entre pulsão de vida e pulsão de morte, possibilitando assim um balizamento entre as duas polaridades.

Freud (1932) assinala que as interdições postuladas pela cultura, produzem como efeito sobre a pulsão de morte a acentuação de seu caráter destrutivo. Ao processo de aculturação “devemos o melhor daquilo que nos tornamos e uma boa parte daquilo de que sofremos” (FREUD, 1932, p. 433), pois os caminhos que às pulsões necessitam tomar, ao

sofrerem o recalcamento cultural, produzem como efeitos os ideais sociais e a insatisfação dos indivíduos.

O potencial destrutivo que é característico da pulsão de morte quando direcionado para fora do Ego em forma de sadismo, tende a destruir os objetos. No entanto, se essa força destrutiva não encontra o alvo, mas sim a interdição de sua meta, ela retorna ao Ego, que é tomado como o objeto a ser destruído, retirando a satisfação da autodestruição, portanto, masoquista. De acordo com Freud (1933), “realmente é como se tivéssemos que destruir outras coisas, outras pessoas, para não destruímos a nós mesmos, para nos guardar da tendência à autodestruição”. (FREUD, 1933, p.255).

Nesses termos, o masoquismo erógeno se intensifica com o retorno do sadismo ao Ego e abre espaço para que o masoquismo moral se instale. O masoquismo moral é procedente da pulsão de morte, possui caráter perigoso ao exercer a autodestruição, que somada ao componente erótico, no amalgamento das pulsões, retira satisfação libidinal ao se autodestruir. Freud (1933) percebe que a organização egóica evolui de tal modo que o ato de transgredir a lei e a intenção em transgredi-la, possuem o mesmo peso, quando o Superego já se instaurou como instância psíquica, sendo a punição pela culpa destinada a ambos os casos. O sadismo que não conseguiu objetivar sua realização e retornou ao Ego, liga-se ao Superego que o agride com retaliações morais, com a mesma severidade com que gostaria de ter atacado o objeto.

Diante dessa dinâmica autodestrutiva, Freud (1933) assinala que não se pode negar uma tendência inata e primária à agressão no indivíduo, que prima por se satisfazer e que se não inibida em suas metas pelo processo cultural, direcionar-se-ia ao semelhante “para explorar o seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para inflingir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo” (FREUD, 1930, p. 77).

Essa tendência à agressão, primária nos indivíduos, ameaça a sociedade em sua organização e integridade, sendo necessário que a possibilidade da existência da cultura estabeleça limites para essas tendências que compõem a pulsão de morte. Em seu trabalho *Por que a Guerra?* Freud (1932) assinala que a satisfação em matar outra pessoa realiza tendências primitivas das pulsões, que rechaçadas pela cultura, encontram espaço para se satisfazer na violência destinada a grupos opostos ao qual o indivíduo pertence.

Duas categorias pulsionais são nomeadas por Freud (1932), as pulsões eróticas que tendem a conservar e unir e as pulsões de agressão e destruição, que tendem a destruir e matar. Tais categorias aludem às pulsões de vida e de morte e a primitiva dualidade amor/ódio. Cada uma dessas polaridades atuando conjuntamente, exerce forças importantes e fundamentais que inauguram a vida psíquica.

Freud (1924) afirma que não se pode encontrar puramente os elementos isolados da pulsão de morte ou de vida, bem como, das pulsões eróticas e de agressão e destruição, mas sim, um amalgamento entre elas, que está sujeito a maior ou menor agregação e desagregação, frente as influências e exigências da vida. O amalgamento das pulsões modifica a meta de origem que poderia se observar se a pulsão pudesse ser observada isoladamente. As pulsões de caráter erótico, que tendem a conservar e unir, precisam contar com as pulsões de agressão e destruição, para alcançar as suas metas. Como, por exemplo, quando as pulsões eróticas estão direcionadas para os objetos amorosos, também possuem a tendência a dominá-los e possuí-los. Essa tendência deflagra a face das pulsões de agressão e destruição, atuando conjuntamente com as pulsões eróticas e sendo influenciadas umas às outras na satisfação de suas metas. Desse modo, os amalgamento das pulsões propiciam um balizamento na sua atuação, para que se satisfaça a meta destrutiva, mas também se permita que a meta erótica conserve os objetos da pulsão sem aniquilá-los.

1.7- Caminhos da agressividade

Diante da dinâmica pulsional do amalgamento das pulsões, e das ideias freudianas apresentadas nesse capítulo, consideramos que o componente agressivo e o potencial destrutivo são inerentes ao funcionamento psíquico. Podem ser observados nas polaridades ativa/passiva, que obtém como efeitos movimentos para a conservação da vida e também para a destruição da mesma. Podemos conjecturar, que a questão da destrutividade presente nas relações do Ego com os objetos, apoia-se no impulso inicial que inaugura o aparelho psíquico e que o compreendemos por pulsão original.

Compreendemos que as originais ideias freudianas sobre o amalgamento das pulsões de vida/morte, as polaridades sadismo/masochismo, ativo/passivo, admitem uma interface média reflexiva. Tal conceituação nos permite conjecturar que os componentes agressivos em

sua meta, podem atribuir uma face construtiva à atuação destrutiva da pulsão. O objeto possuído, aniquilado na incorporação canibalesca pela potência destrutiva, permite que o Ego se separe do objeto e fortaleça suas fronteiras que irão lhe tornar um Ego singularizado. Quando novamente o Ego se vincular ao objeto pela face erótica da pulsão, a face destrutiva o acompanha, entrando em ação ao destinar ao objeto sua destrutividade, a fim de garantir a preservação do Ego. Nesses termos, podemos atribuir à dinâmica pulsional um movimento paradoxal, que permite a aproximação e o afastamento do Ego em relação ao objeto, possibilitando a sua união em decorrência da sua separação e vice-versa.

Nesse ínterim, podemos considerar que os modos de organização que as pulsões assumem no aparelho psíquico encontram-se originalmente em uma íntima relação de dependência com a alteridade que sustenta os momentos iniciais da vida do indivíduo, exercendo sensivelmente sua influência sobre esses processos psíquicos primitivos.

Ao considerarmos tais ideias freudianas acerca da destrutividade e buscando responder nossa questão de pesquisa sobre a participação desses elementos agressivos nas relações do Ego com os objetos, bem como sua origem e a dinâmica no aparelho psíquico, nos deparamos com a necessidade teórica de investigação no campo das experiências primitivas. Tal perspectiva endereçou nosso trabalho à teoria desenvolvida por Winnicott, autor que se dedicou, entre outras coisas, ao estudo dos processos primitivos da constituição subjetiva, reservando nestes um lugar específico para as questões da destrutividade e a função capital que a exterioridade exerce nesse processo. Tema que desenvolveremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

2. Ideias winnicottianas: apontamentos acerca da agressividade no desenvolvimento emocional primitivo

Ao prosseguirmos com o desenvolvimento de nossa pesquisa sobre a destrutividade nas relações amorosas, adentramos à vasta obra de Winnicott em busca de suas contribuições teóricas que nos conduzissem a uma maior elucidação de nosso tema. Para tal, tomamos como ponto de partida as ideias de Winnicott no que se refere aos relacionamentos interpessoais, pois aí encontramos uma interessante ponte entre suas ideias e as de Freud. De acordo com as conjecturas expostas em *Natureza Humana* (1990), Winnicott afirma que ao se referir a esse tema, dos relacionamentos interpessoais, quase tudo que virá expor em seu livro pode ser encontrado no que Freud já havia descoberto e escrito sobre o trabalho realizado com seus pacientes. Segundo Winnicott (1990) os estudos sobre as psiconeuroses proporcionaram a Freud a convicção da existência do inconsciente e da sexualidade infantil. Esses dois aspectos foram concebidos por Freud, conceitualmente, como cerne da vida psíquica e como fundamento para as relações interpessoais, ao longo de sua obra. Sob a perspectiva psicanalítica, toda a gama de manifestações psíquicas está perpassada pelas questões do inconsciente e da sexualidade. De acordo com Winnicott (1990):

“Freud fez por nós toda a parte desagradável do trabalho, apontando para a realidade e a força do inconsciente, chegando à dor, à angústia e ao conflito que invariavelmente se encontram na raiz da formação dos sintomas, anunciando publicamente, de forma arrogante se necessário, a importância dos instintos e o caráter significativo da sexualidade infantil. Qualquer teoria que negue ou ignore estas questões é inútil”. (WINNICOTT, 1990, p.54).

Considerando as ideias freudianas, Winnicott se refere à fase do Complexo de Édipo como período do desenvolvimento emocional que possibilita maior organização das relações interpessoais. Winnicott (1990) assinala que o indivíduo pode desenvolver-se a ponto de alcançar os estágios da vivência conflitiva do Complexo de Édipo. Nesse estágio, então, o indivíduo pode conceber a existência de três pessoas em uma relação, ela e os pais.

Winnicott (1990) ao considerar esse ponto da teoria freudiana como norteador das relações interpessoais, nos permite conjecturar que está, necessariamente, incluindo a sexualidade infantil nessas relações interpessoais. Podemos compreender, com isso, que as relações interpessoais estão diretamente relacionadas com as relações amorosas. Se podemos considerar que os vínculos construídos entre o indivíduo e seus pais, e mais ainda, a primeira relação com a alteridade materna, estão pautados nos cuidados recebidos, no investimento libidinal dos pais, bem como em suas identificações narcísicas, podemos compreender que a sexualidade e o inconsciente participam e fundamentam tais momentos. Desse modo, as relações interpessoais são construídas pelos mecanismos psíquicos e com os elementos que compõem as relações amorosas, e em última análise, as relações de objeto.

Desta forma, o presente capítulo se dedica ao estudo dos processos de construção das relações interpessoais/amorosas, objetivando cernir a função da agressividade em sua gênese, a fim de compreendermos a origem e a dinâmica dos elementos destrutivos presentes nas relações interpessoais/amorosas. Iniciamos apresentando as ideias winnicottianas no que se refere ao desenvolvimento emocional primitivo. Posteriormente, abordamos o processo de construção das relações interpessoais e nos propomos a produzir uma reflexão sobre a possibilidade destas serem consideradas como relações amorosas. Para tal, consideramos que o bebê ao ser concebido ocupa um lugar subjetivo no desejo e na trama edípica dos pais. Tal afirmação nos permite compreender que há elementos inconscientes dos pais que perpassam a relação inicial mãe-bebê. Para tanto, se faz notória a presença da sexualidade infantil desde os momentos mais primitivos do desenvolvimento psíquico, exercendo suas demarcações iniciais no que poderá vir a ser pano de fundo para as relações interpessoais/amorosas. Diante disso, finalizamos o capítulo retomando o tema da agressividade, compreendendo-a como primária e inerente ao processo de construção subjetiva, para destacarmos a importante e fundamental função que o objeto, ao sobreviver à agressividade a ele direcionada, bem como, à parcela de agressividade que se tornou destrutiva, exerce para o estabelecimento e a manutenção das relações interpessoais/amorosas.

2.1 – Estados tranquilos e excitados

Ao investigarmos o tema do desenvolvimento emocional primitivo, de acordo com a teoria winnicottiana, nos deparamos com a importância do ambiente, que Winnicott ressalta ao longo de sua obra e em seu trabalho intitulado *Natureza Humana*. (1990). Winnicott assinala, que em princípio o útero da mãe é o primeiro ambiente físico com o qual o bebê teve contato durante a gestação. Após o nascimento, a mãe continua sendo, também, o ambiente com o qual o bebê irá ter os contatos iniciais com o mundo, e que continuará lhe provendo os cuidados físicos, os quais nesse momento de construção da subjetividade, se identificam aos cuidados emocionais. Este período em que mãe e ambiente são percebidos como um só pelo bebê, denota um período de dependência absoluta do bebê em relação ao ambiente/mãe, definindo que, em termos psíquicos encontram-se indiferenciados entre si, estando bebê/mãe/ambiente, constituindo uma mesma unidade.

O período de dependência absoluta do bebê para com a mãe/ambiente, demanda que, em contrapartida, se estabeleça uma adaptação ao atendimento das suas necessidades vitais e emocionais por parte da mãe/ambiente. De acordo com Winnicott (1990) o cuidado físico é “o único tipo de expressão de amor que o bebê pode reconhecer no princípio” (p.122). Por essa razão, também os contatos iniciais com a mãe/ambiente se fazem tão importantes e são destacados como fundamentais na teoria winnicottiana. Conceituado como *holding*, essa sustentação que é proporcionada ao bebê pelo ambiente/mãe, implicando na sustentação literal “segurar no colo” e também na sustentação necessária para que os processos emocionais ocorram, demarcam trilhamentos que serão pano de fundo para a construção das relações de objetos.

“Muita coisa depende da maneira como a mãe segura o bebê e é importante enfatizar que isso não é algo que possa ser ensinado; a única ajuda possível é aquela que possibilita à mãe confiar na forma como administramos o ambiente que a cerca, dando-lhe a oportunidade de exercer seus próprios poderes naturais” (WINNICOTT, 1990, p.139)

Frente a esta perspectiva da importância da sustentação e do manejo materno, Winnicott (1990) destaca que não se trata de um aprendizado consciente, mas de como a mãe pode se adaptar ao seu bebê, numa ligação mútua na qual empaticamente percebe a necessidade do bebê. Ao se referir à administração do ambiente em torno da mãe, Winnicott

(1990) insere a ideia da presença paterna, relativa ao marido da mãe, que exerce efeitos de holding também para a mãe, nos períodos de maior suscetibilidade emocional.

Winnicott (1990), postula que é a partir da primeira mamada teórica que o relacionamento entre mãe e bebê se estabelece. Pois, ainda que indiferenciados subjetivamente, é preciso que o bebê encontre o seio da mãe. Em uma operação psíquica, que necessita tanto da participação da mãe, ao disponibilizar a apresentação do objeto seio, quanto da condição do bebê de estar em estado de excitação suficiente para encontrá-lo. Desse modo, o bebê pode ter a ilusão de ter criado o objeto seio, que atende a sua demanda e une, em um espaço de criação, sua boca e o objeto capaz de lhe satisfazer.

Dessa forma, uma primitiva relação com a realidade externa começa a se estabelecer, ainda que indistinguível para o bebê. O bebê vivencia estados de excitação e de tranquilidade. Podemos compreender que os estados de excitação são os quais encontra-se sob a demanda das necessidades³ que exigem satisfação e que, por sua vez, provocam a perturbação do que seria os estados tranquilos.

Os estados tranquilos caracterizam-se pelos momentos em que o bebê se encontra em estado de contemplação, admitindo certo apaziguamento das tensões internas, de modo que, o apaziguamento ocorre parcialmente, pois as tensões internas não deixam de existir, mesmo com a diminuição de suas exigências. Contudo, tais momentos em que os estados tranquilos permitem o alívio parcial das tensões, também propiciam que o bebê possa utilizar dos seus potenciais inatos de criação, para suportar as tensões parciais que permanecem sem se apaziguar. A possibilidade do bebê desenvolver-se em seus aspectos emocionais é propiciada pelo atendimento de suas necessidades, como também, paradoxalmente, pelo não atendimento destas.

Os estados de excitação, nos quais as exigências das tensões internas se impõem à vivência do bebê e de acordo com o suporte oferecido pela mãe/ambiente, pode-se instaurar uma organização, por meio das experiências de satisfação e de não satisfação das tensões. Winnicott (1990) afirma que a primeira mamada teórica inaugura o relacionamento do bebê com a criação do objeto que o satisfaz. Esclarece ainda, que a primeira mamada é teórica, por

³ Winnicott faz um apontamento sobre sua escolha em usar a palavra “necessidade” no lugar da palavra “desejo”. Esclarece que do seu ponto de vista, a palavra “desejo” estaria fora de lugar nesse momento primitivo do desenvolvimento emocional, pois implicaria em uma complexidade maior dos processos psíquicos, que nesse período, ainda encontrar-se-iam em início de suas demarcações. (WINNICOTT, 1969, *A Experiência Mãe-Bebê de Mutualidade*, p.199)

não se referir à uma mamada específica e à uma primeira cronologicamente concebida, mas sim a uma sucessão de mamadas e de demais experiências desses estados excitados, que auxiliam a colocar em marcha o potencial criativo de cada bebê que opera entre a apresentação de objetos e o seu encontro. Assim, iniciando uma gradativa construção da sua capacidade para se relacionar com esses estados de maior exigência interna.

2.2- Criatividade primária

Winnicott (1990) reconhece no bebê um potencial criativo inato, que o possibilita ascender à “posição de estar criando o mundo” (p.122), encontrando-se disponível psiquicamente para o estado de onipotência criativa, paradoxalmente vivenciada face à total dependência ao ambiente. Esse estado de onipotência permite que o bebê ao sentir a excitação causada pelas tensões internas da necessidade e receber o objeto oferecido, capaz de satisfazer essa necessidade, possa colocar seu potencial criativo em atividade.

A ilusão onipotente do bebê o torna criador do objeto que o satisfaz. Essa criação primária se realiza no que Winnicott (1990) postulou conceitualmente como *momento de ilusão*. Tal operação psíquica é possibilitada pelo potencial criativo do bebê que inaugura a criatividade primária face o ambiente que o acolhe.

A adaptação da mãe às necessidades de seu bebê e por conseguinte do ambiente, a torna suficientemente boa para seu bebê. Se faz necessário que a mãe esteja em estado de identificação narcísica com seu filho, a fim de poder perceber, e supor, o que ele demanda em momentos de excitação e de tranquilidade. Winnicott (1990) se refere ao estado de *preocupação materna primária*, estado esse que geralmente acomete as mães ao darem à luz, preparando-as para um estado psíquico, no qual se tornam as pessoas mais indicadas para compreender e atender as demandas de seus bebês.

A adaptação da mãe às demandas do bebê possibilita que esses momentos de ilusão e de criatividade primária ocorram, promovendo assim o estabelecimento de uma relação inicial entre bebê e objetos. Nessa relação inicial, a mãe, o ambiente e os objetos estão indiferenciados entre si e simultaneamente com o próprio bebê. A repetição dos momentos de satisfação, provocados pela criação do objeto que sacia e que é apresentado no momento propício para ser recebido, provoca a consolidação da atividade mágica de criar tais objetos. De forma onipotente, o bebê estabelece uma primitiva relação com a realidade externa, que o permite criar seus objetos quando sua necessidade se apresenta e fazer com que desapareçam

depois de satisfazer-lhe. A adaptação da mãe proporcionou esse estado de onipotência que permite a possibilidade de suportar momentos de ausência do objeto.

O bebê desenvolveu a capacidade criativa de encontrar/criar seus objetos quando se faz necessário. No entanto, também à medida que a provisão ambiental pode falhar em atender às necessidades do bebê, falhas na sua criação onipotente passam a se instaurar. Ao vivenciar a falha da criação onipotente dos objetos, que culminam com as falhas que o ambiente/mãe pode proporcionar ao bebê ao atender as suas demandas, sendo percebidas pelo bebê nesse estágio do desenvolvimento emocional, como falhas em seu controle onipotente, permitem que surjam condições favoráveis para a existência do espaço transicional. O alcance do estágio transicional, permite que se inicie uma articulação entre a realidade interna e a realidade externa, implicando na percepção do bebê de que seu poder onipotente sobre a existência dos objetos é por vezes falha.

Tais objetos que podem ser a ponta de um cobertor ou a extremidade de seu próprio pé, o tornam capaz de experimentar, em um contato primitivo, uma relação com a realidade que já não está inteiramente interna e tão pouco inteiramente externa, mas em uma terceira face. A esse terceiro espaço que se estabelece, e que possibilita a manipulação dos objetos em sua presença e ausência, Winnicott (1990) denominou como espaço transicional.

Winnicott (1968) assinala o caráter paradoxal de seu pensamento e da natureza dos processos psíquicos, conferindo lugar de destaque para tal concepção teórica, ao afirmar que o paradoxo e a aceitação do paradoxo, são pedras fundamentais dos conceitos que se referem aos objetos e aos fenômenos transicionais. Ao se referir à aceitação do paradoxo, alerta para que os paradoxos não sejam solucionados ou resolvidos, mas sustentados. A criação dos objetos se faz paradoxal pois, ao passo que, o bebê cria o objeto porque o objeto estava lá para ser criado.

2.3 - Transicionalidade

O conceito de transicionalidade, postulado por Winnicott (1990) é denominado por ele como um terceiro mundo, no qual o bebê tem acesso a um estado psíquico que inclui a sua realidade interna e que também inclui nuances da realidade externa, que começa a ser distinguida pelo bebê. Podemos conjecturar que este espaço transicional, intermediário entre

interno e externo, é a primeira possibilidade de vivenciar o afastamento e a ausência dos objetos. O controle mágico onipotente do bebê de criar objetos em tempo de satisfazer suas demandas aos poucos torna-se falho, permitindo a concepção de que há algo externo a ele que não obedece à sua onipotência. Essa experiência é capaz de ocorrer quando o ambiente/mãe pode também falhar em atender pequenas demandas do bebê. Assim, ocasionando uma falha bem sucedida, no nível de ser suportável para o bebê, que o impulsiona a adquirir um outro estado psíquico.

O mesmo não ocorre quando as falhas são maiores do que a capacidade do bebê de suportá-las. Uma falha ambiental acentuada pode ocasionar uma intrusão ao processo de construção e de integração do Ego que estava se consolidando. Se isso ocorre, o bebê precisa reagir a essa intrusão, na tentativa de se preservar. A etapa que possibilitaria o alcance da transicionalidade é atravessada pela intrusão ambiental, molestando a primitiva relação com os objetos e com a realidade externa que estava em andamento. Uma cisão importante ocorre, dividindo de um lado os primeiros contornos de um possível Ego, que contava com o potencial criativo, e do outro lado as defesas que necessitaram ser apressadas e colocadas em marcha precocemente, na difícil tarefa de preservar esse resquício rudimentar de Ego que se delineava. De acordo com o Winnicott (1990):

“Quando há um certo grau de fracasso na adaptação, ou uma adaptação caótica, o bebê desenvolve dois tipos de relacionamentos [...] O primeiro tipo de relacionamento contém a espontaneidade e a riqueza, e o segundo é um relacionamento submisso, mantido com a intenção de ganhar tempo até o momento em que o primeiro talvez consiga, um dia, tomar posse”. (WINNICOTT, 1990, p.129)

Winnicott (1990) se refere a casos extremos, nos quais essas cisões produzem organizações esquizofrênicas, que se observa apenas resquícios desse tempo anterior a intrusão, mas que estão conservados enclausuradamente dentro de si mesmo. O autor também se refere a casos menos extremos de intrusão, que preservam demarcações satisfatórias de experiências anteriores e que proporcionam ao indivíduo encontrar saídas criativas para tal, ao longo de sua existência. Inclui nesse grupo a arte, como uma possibilidade de conectar, de integrar esses dois aspectos do Ego. Winnicott (1990) afirma ainda, que a intrusão está presente no processo de construção do Ego de todas as crianças, em maior ou em menor grau, pela razão de que é inerente à experiência de estar vivo.

Concomitantemente aos estágios dos contatos iniciais, a construção do Ego e das relações com os objetos está em andamento. De acordo com Winnicott (1959) um objeto externo pode existir na medida em que o bebê encontra-se em estado de onipotência para criá-lo, e na possibilidade de encontrá-lo ao ser apresentado a ele. A onipotência do bebê se estende para determinados objetos, para a mãe e para algumas pessoas que se tornam importantes para ele. Ao se deparar com a possibilidade de existir uma dinâmica entre os objetos fora do controle onipotente, o bebê passa a reconhecer que há objetos que pertencem a ele e à mãe. Esse novo status psíquico que possibilita esse reconhecimento de um objeto transicional, foi nomeado por Winnicott (1959) como *posse*. Com este termo Winnicott se refere ao primeiro estado de posse de um *Não-Eu*.

Uma ampla variação desse processo ocorre com o bebê, desde utilizar o punho ao introduzi-lo na boca, o polegar, ou alguma outra parte do corpo, eleita como objeto transicional, até desdobrar-se em uma ligação com um ursinho, ponta do cobertor, ou outro brinquedo que tenha sido escolhido. Algumas manifestações sonoras dos bebês, como balbucios ou entoações de vogais, em forma de cantoria, antes de dormir, também compõe a gama de objetos transicionais que indicam a existência dessa área intermediária, que contempla a existência interna/externa. Em alguns casos a mãe pode se tornar o objeto transicional do bebê, ou mesmo uma parte do corpo da mãe que o bebê elege para ser acariciado, como por exemplo o lóbulo da orelha da mãe. Tal escolha pela mãe como objeto transicional, indica a Winnicott (1959) que existe algo no inconsciente da mãe, ao qual o bebê corresponde, ao tomá-la como objeto transicional. Desse modo, tal afirmação de Winnicott, nos permite conjecturar que o bebê encontra-se incluído na trama inconsciente da mãe, que exerce seus efeitos em ambos, perenemente. Desde muito antes de seu nascimento, o bebê já existia na subjetividade da mãe, pois como assinala Winnicott (1966) o bebê existe para a mãe desde quando ela era criança e brincava ao imaginar seu bebê, concebendo-o mentalmente, desde então, inaugurando a sua origem.

Este espaço transicional, que denota o período de um primeiro estado de posse de algo que promove uma inicial diferenciação entre o Ego e a externalidade, Winnicott (1951) localiza-o entre o estado em que o objeto é subjetivamente concebido e quando se torna possível que ele encontre-se objetivamente percebido. O objeto subjetivamente concebido, caracteriza-se pela pouca condição de ser reconhecido pelo bebê como um objeto diferenciado dele mesmo, com unidade própria. Corresponde aos momentos iniciais, nos quais o bebê encontra-se em estado de dependência absoluta, e por sua vez, em momento de indiferenciação

com o ambiente/mãe/objeto. Nesses termos, o objeto capaz de satisfazer as necessidades do bebê é um objeto subjetivo, pertencente ao próprio bebê.

Winnicott (1966) assinala que este período em que o objeto é subjetivamente concebido, coincide com a fase de dependência absoluta do bebê em relação a sua mãe, que em contrapartida, encontra-se em processo de identificação com o bebê. A identificação permite que a mãe se adapte às necessidades do bebê e que o bebê, incluído na subjetividade da mãe, seja a mãe, em um processo de identificação primária, contemplando um estado de indiferenciação. Este período correspondente ao objeto subjetivo, afirma Winnicott (1966) é anterior ao sentimento de ser um com alguém, será precursor dessa possibilidade, mas inicialmente estabelece-se como sendo o mesmo, indiferenciadamente com o objeto/mãe/ambiente, “o bebê e o objeto são um só” (WINNICOTT, 1966, p. 140).

A possibilidade de ser um só com o objeto, pela via da identificação primária, revela a existência do elemento feminino puro, da experiência do Ser, como postulou Winnicott (1966). O elemento feminino puro é compreendido como um dos componentes presentes na construção do Ego, juntamente com o elemento masculino puro. Os elementos femininos e masculinos estão presentes nos indivíduos de ambos os sexos, amalgamados em seu funcionamento psíquico. O elemento feminino puro, inicialmente é representado pela mãe/objeto seio, que sustentados pela identificação primária e pelo estado de indiferenciação, são para o bebê ele próprio. Frente a essas ideias, podemos compreender que o bebê nesses momentos iniciais, nos quais ele e a mãe/ambiente/objeto são uma unidade, é também o elemento feminino puro, que permite sua experiência de Ser. Essa experiência de Ser será precursora para o reconhecimento de si mesmo, pois o bebê conserva como registros psíquicos primitivos essa experiência de Ser, um esboço de identidade bebê/objeto, em seu processo de construção do Ego. O elemento feminino puro estará relacionado com o Ser, enquanto que o elemento masculino puro estará relacionado com o fazer. O elemento masculino puro ao se relacionar com os objetos, insere a possibilidade da separação, da diferenciação entre Ego/objetos. “O elemento masculino *faz*, enquanto o elemento feminino (em homens e mulheres) *é*. (WINNICOTT, 1966, P.141). Ao elemento masculino puro está atribuído o potencial de ação, de atividade, que ao integrar-se com o elemento feminino puro, apresenta a possibilidade de movimentos de ser e de fazer em um mesmo gesto. A integração dos elementos masculinos permite que alterações ocorram no processo de construção das relações com os objetos, propiciando a passagem do objeto subjetivamente percebido para o objeto objetivamente concebido.

É na sucessão de momentos em que esse objeto subjetivo é apresentado ao bebê, garantindo uma constância no apaziguamento de suas tensões, que o objeto passa a ser objetivamente percebido. A adaptação suficientemente boa da mãe nesse processo, proporciona que essa passagem se torne possível para o bebê. A medida em que o objeto torna-se objetivamente percebido, a realidade externa passa a adquirir uma característica objetiva. O bebê, que por sua vez, conquista uma outra condição de relacionar-se com o objeto, passa a ter condições de usar o objeto.

Ao se relacionar com o objeto, o Ego do bebê encontra-se em processo de construção de suas fronteiras, em estado inicial de pouca diferenciação com a externalidade, e por conseguinte, os objetos ainda encontram-se subjetivos. A medida que se dá a passagem para o objeto objetivamente percebido, uma maior diferenciação entre Ego/externalidade, já está disponível para fazer uso do objeto que encontra-se fora da área de controle onipotente do bebê. Neste intercurso da passagem do objeto subjetivo ao objeto objetivo, situamos os objetos transicionais e a área de transicionalidade.

Winnicott (1968) exemplifica a diferença entre relacionamento e uso do objeto, ao se referir a dois bebês que estão sendo amamentados. Um deles está se alimentando de um objeto que encontra-se indiferenciado entre ele e a mãe. O outro está se alimentando de um objeto que é percebido como externo a ele. Tais exemplos clarificam a possibilidade de passar da relação de objeto para o uso do objeto. No primeiro caso, o bebê ainda encontra-se indiferenciado com a mãe/ambiente/objeto, vivenciando a mamada com o objeto subjetivamente percebido, indicando um estágio ainda mais primitivo do desenvolvimento emocional, em última instância ele e o objeto/seio compõe uma unidade. Diferentemente no segundo caso, em que o bebê já conquistou condições psíquicas para uma diferenciação parcial entre ele e a mãe/ambiente/objeto, que lhe permite vivenciar a mamada com o objeto objetivamente concebido, que não obedece ao seu controle onipotente.

2.4 – Uso e sobrevivência do objeto

Ao se aproximar da possibilidade de uso do objeto, os processos psíquicos admitem a inauguração do princípio de realidade. Tal possibilidade implica em situar o objeto fora da área de controle onipotente do bebê, em um reconhecimento de um Não-Ego. A passagem dos relacionamentos com os objetos para a condição de uso dos objetos, inclui aos processos

psíquicos do bebê a possibilidade de poder destruir o objeto, e frente a sua sobrevivência, poder usá-lo. Para a realização desses processos destrutivos, está a agressividade que, em princípio, é potencial agressivo. Tal potencial agressivo, postulado por Winnicott (1950-55) como inato ao bebê, é recrutado pelas necessidades do bebê, desde a sua vida intrauterina.

Winnicott (1950-55), assinala que podemos observar a presença da agressividade primeiramente na forma de motilidade física, quando o bebê se movimenta dentro do ventre materno, por exemplo. Tais movimentos, como chutes, empurrões, não possuem a intencionalidade de machucar, são apenas impulsos, atividade, ação motora, que podem ser atribuídas de significados pelos pais ou por quem presencia tais momentos.

Desse modo, um gesto espontâneo do bebê em direção ao objeto, coloca o potencial agressivo em movimento, assumindo o status de agressividade. Essa agressividade, que já vinha sendo utilizada pelo bebê desde sua experiência no útero materno, e continuou exercendo seus efeitos após seu nascimento, necessária para que, sendo endereçada ao objeto, o bebê possa fazer uso do objeto. No entanto, o objeto pode ou não sobreviver à essa agressividade. Inicialmente, bebê e objeto estão indiferenciados, o que significa dizer que, destruir o objeto significa destruir-se a si mesmo. Desse modo, a sobrevivência do objeto significa também a sobrevivência do bebê. Se o objeto sobrevive aos ataques agressivos, o bebê pode então obter a percepção da existência de uma realidade externa. A sobrevivência do objeto assegura, para o bebê, uma realidade situada fora do seu controle onipotente.

Quando o objeto sobrevive, a agressividade que foi destinada a ele adquire caráter construtivo, pois possibilita o uso desse objeto e a consolidação do princípio de realidade. Ao contrário, se o objeto não sobrevive e/ou retalia o bebê pelos seus ataques agressivos, a agressividade assume caráter destrutivo, restando o processo de estabelecimento de vínculo com a realidade externa. O termo destrutividade indica que há a possibilidade real do objeto não sobreviver à agressividade, desse modo, é a não sobrevivência do objeto que converte parte do potencial agressivo em destrutividade. A agressividade em princípio não possui intenção de destruir o objeto, embora possua essa condição em seu potencial, encontrando-se originalmente desmedida, suscetível aos possíveis encontros com uma oposição da externalidade, que delinearão os seus contornos.

A medida que o objeto sobrevive à agressividade, o bebê passa a destruí-lo em fantasia inconsciente. O uso do objeto pode ser colocado em curso, pois, paradoxalmente, o objeto sobrevive porque é destruído. O que permite que o objeto sobreviva é a possibilidade

de sua destruição. A sobrevivência do objeto permite que ele possa ser usado pelo bebê, e confirma sua existência na realidade externa, com sua própria autonomia, fora do controle onipotente. O caráter externo do objeto permite que o bebê possa adentrar uma experiência de maior integração de seus elementos agressivos e conviver em um mundo com objetos.

A sobrevivência do objeto permite ao bebê a possibilidade de passar a destruir o objeto em fantasia, e assim, garantindo sua sobrevivência, poder amá-lo sem deixar de destruí-lo. A fantasia permite que o objeto possa ser amado e destruído ao mesmo tempo. Nas palavras de Winnicott (1968), “O sujeito diz ao objeto: “Destruí você”, e o objeto acha-se lá para receber a comunicação. A partir daí, o sujeito diz: “Alô, objeto!” “Destruí você”. “Amo você”. “Você tem valor para mim por sobreviver à minha destruição de você”. (WINNICOTT, 1968, p.174). Diante de tais afirmativas, podemos conjecturar que Winnicott está nos indicando uma primitiva relação entre amor e agressividade, que se consolida por meio da sobrevivência do objeto após os ataques destrutivos. Inclui, com isso, uma face destrutiva e primitiva para o estabelecimento das relações de objeto e das relações amorosas, que possui como cerne a agressividade.

2.5 - Raízes da agressividade

Ao abordarmos o tema da agressividade, compreendemos que adentramos em um vasto e complexo campo teórico, no qual Winnicott aprofundou seus estudos, considerando a presença de um potencial agressivo como elemento psíquico inato, primário e fundamental para a construção das relações do Ego com os objetos, bem como para o processo de construção do próprio Ego. As contribuições de Winnicott (1950-55), acerca do tema da agressividade indicam que para sua maior elucidação, deveríamos dirigir nossa atenção para as raízes da agressividade, assinalando a sua presença em um período anterior à construção do Ego.

Considerando este período primitivo, anterior à construção do Ego, tomemos como ponto de partida os momentos iniciais dos contatos entre mãe e bebê, incluindo o período anterior ao nascimento. Os primeiros indicativos da existência de um potencial agressivo, se mostram em forma de motilidade, de atividade física, ação em direção à externalidade. Tais momentos iniciais da dinâmica do potencial agressivo estão desprovidos da intencionalidade de ferir ou machucar o objeto que recebe tais impulsos agressivos.

A agressividade que é expressa pelo bebê desde a vida intrauterina, é conceituada por Winnicott (1939) como agressividade primária. Nesse período primitivo do desenvolvimento emocional, as necessidades de cuidados que o bebê demanda, estão contando com a força da agressividade para serem vivenciados. Podemos entender que a voracidade que o bebê apresenta ao se alimentar, sanando suas necessidades de alimentação e de satisfação, demonstra a agressividade primária. Winnicott (1939) atribui a esse estágio do desenvolvimento emocional primitivo, os termos: amor primitivo, amor voraz, *ruthless*, amor impiedoso, amor-boca, que rudimentarmente e em origem amalgamam amor, compreendido como necessidade de cuidados, e também, agressividade, compreendida como atividade, motilidade, ação. A voracidade de um bebê que está faminto e que anseia por ser saciado, não possui ainda contornos para delinear a força desmedida da agressividade primária, como também não possui intencionalidade em causar dor ou machucar o objeto/seio que o alimenta.

No entanto, concomitantemente à experiência de saciação do bebê, está presente a mãe que sustenta essa operação e recebe a voracidade do bebê, podendo considerá-la como um ataque agressivo. Os ataques dirigidos à mãe/ambiente, sem a intencionalidade de machuca-la ou feri-la, mas que acabam por causar-lhe desconfortos, podem despertar seus sentimentos hostis em relação ao bebê. A agressividade torna-se intencional apenas quando o ato de ferir torna-se intencional. Portanto, também na mãe a agressividade está atuando e produzindo seus efeitos, perpassando a unidade mãe/bebê, que encontram-se subjetivamente indiferenciados. A mãe, por sua vez, encontra-se em relação ao bebê em um nível mais sofisticado do desenvolvimento emocional, já que possuidora de uma organização egóica com algum nível de integração e de singularização.

Tais momentos de vivência com o bebê, demandam da mãe a necessidade de recrutar seus recursos internos, a partir de sua condição subjetiva. É necessário que a mãe consiga tolerar e suportar a agressividade do bebê, como também, suas reais consequências, como: dores, desconfortos e eventuais machucados, próprios do período inicial de um bebê recém-nascido que necessita de cuidados. Contudo, o maior ou menor grau de suportabilidade e tolerância da mãe para estes momentos, está subordinado ao inconsciente da mãe e ao lugar subjetivo que o bebê ocupa para ela.

Winnicott (1947), afirma que “a mãe odeia o bebê antes que este a odeie, e antes que ele possa saber que sua mãe o odeia” (WINNICOTT, 1947, p. 285). Com esta afirmação Winnicott indica que os elementos agressivos da mãe também estão sendo recrutados e utilizados nos cuidados destinados ao bebê, que também precisa sobreviver à agressividade

da mãe. O ódio da mãe exerce um efeito importante para o bebê, que ao sobreviver ao ódio materno, pode também em algum tempo odiar a mãe, e mais ainda, diante da possibilidade de odiar, abre-se também a possibilidade de amar, tanto a mãe, quanto os próximos objetos substitutos desta. Desse modo, a possibilidade de uma ambivalência amor/ódio se faz notória desde os momentos iniciais do afeto que permeia a unidade mãe/bebê, servindo de fundamento para a construção das relações entre o Ego e os objetos.

No entanto, Winnicott (1947) assinala que o ódio é uma manifestação afetiva que necessita de um maior nível de integração do Ego, que corresponderia aos estágios posteriores do desenvolvimento emocional, como a condição subjetiva que a mãe já possui, por exemplo, ao contrário do bebê, que ainda não possui organização egóica para transformar sua agressividade em ódio. O bebê ainda não pode associar que a agressividade dispendida pela busca da satisfação é direcionada à mesma pessoa que o satisfaz e que o embala em seus estados de tranquilidade, nem tão pouco, que é capaz de feri-la. (WINNICOTT, 1950). Esse estágio do desenvolvimento emocional foi nomeado por Winnicott (1950) como *pré-concernimento*, por caracterizar-se pela ausência do reconhecimento da possibilidade de causar danos aos objetos. Condição essa, presente no estágio posterior, o *estágio do concernimento*, no qual o bebê conquistou alguns patamares de diferenciação entre ele e a mãe/ambiente/objeto, tornando possível a capacidade de reconhecer a possibilidade de machucar o objeto. Neste período há uma integração maior do objeto, como sendo o mesmo objeto presente nos momentos de excitação e de tranquilidade, e com isso, inaugura-se a capacidade de sentir culpa⁴. Neste ínterim, parte da agressividade passa a ser destinada para realizar a reparação dos objetos que o bebê imagina ter causado danos. O sentimento de culpa impulsiona ao movimento de reparação do objeto. Concomitantemente estão ocorrendo os processos psíquicos que permitem o uso dos objetos, que podem sobreviver à agressividade, sendo destruídos em fantasia. Desse modo, a culpa pode tornar-se reparação e vinculação ao objeto atingido. Winnicott (1950) nos indica, que há sempre uma parcela de destrutividade operando nos relacionamentos amorosos, em fantasia inconsciente, no sentimento de culpa e na tentativa de reparação, o que nos evidencia que é sobre o curso da agressividade que as relações amorosas/interpessoais/de objeto se estabelecem e se articulam.

⁴ Winnicott (1950), ao conceituar o estágio do concernimento, faz referência à teoria de Melanie Klein, que nomeou como *posição depressiva* o estágio do desenvolvimento emocional em que o bebê é capaz de sentir culpa.

2.6 - Agressividade e potencial erótico

Ao voltarmos nossa investigação para o que Winnicott (1950-55) assinala sobre as raízes da agressividade, constatamos que a agressividade primária, em estágio primitivo do desenvolvimento, é compreendida como amor primitivo, *ruthless*, que em origem abarca a possibilidade de coexistência de amor e agressividade em uma mesma potência agressiva. Esse amor primitivo é expresso primariamente pelo contato físico, do ponto de vista do bebê, pela sua motilidade e atividade, também do ponto de vista da mãe, por segurar o bebê, no útero, nos braços e dedicar-lhe cuidados. A agressividade primária, que neste momento é expressa de modo mais notório pela atividade motora do bebê, sendo sustentada pelos cuidados maternos recebidos, compõe as condições de possibilidades para que ocorra um processo de fusão entre a motilidade física e o potencial erótico. Winnicott (1950-55) chama atenção para a parcela de motilidade que se funde com o potencial erótico, e para uma parcela de agressividade que permanece livre, sem fusão, que poderá ser destinada apenas para objetivos motores. Essa parcela livre necessitará do encontro com uma oposição externa para assumir um contorno, ou permanecerá à deriva, ameaçando a integração do Ego.

A fusão da motilidade com o potencial erótico pode se efetivar, na medida que a agressividade primária pode ser manifestada e a mãe pode sustentar a expressão da agressividade, unindo nessa mesma operação, agressividade e afeto. No entanto, considerando a parcialidade e a gradatividade com que os processos psíquicos se realizam, as condições de possibilidades para a efetivação da fusão, encontram-se dispostas de modos diferentes. Uma gama de processos psíquicos está ocorrendo simultaneamente com o par mãe/bebê nos momentos em que em maior ou menor grau a efetivação da fusão está se consolidando. Tais processos como, a indiferenciação bebê/mãe/ambiente, o período de ilusão, a criatividade primária, a adaptação materna às necessidades do bebê, e o período do desenvolvimento emocional em que se encontram, permitem outros arranjos fusionais para a motilidade e o potencial erótico.

Um dos arranjos possíveis é a erotização dos elementos agressivos, nesse caso é o potencial erótico que é fusionado à motilidade, tornando-se substrato para as tendências sádicas e masoquistas do indivíduo. De acordo com essa possibilidade de fusão do potencial erótico com a agressividade, Winnicott (1950) assinala que o indivíduo irá sentir-se real, vivo em sua existência, apenas quando comportar-se de maneira destrutiva e impiedosa. Também

é possível que esta fusão do potencial erótico aos elementos agressivos ocorra de modo pouco consistente, permitindo um saldo de agressividade livre pouco fusionada, que se expressará pelo masoquismo, que Winnicott (1950-55) reconhece como sendo anterior ao sadismo. A organização masoquista se dá pela pouca fusão dos elementos eróticos e agressivos, é uma parcela da agressividade não fundida. Os arranjos possíveis de fusão entre a motilidade e o potencial erótico se estabelecem em períodos primitivos do desenvolvimento e trilham caminhos para o desenvolvimento das relações objetais futuras. Nas experiências amorosas da vida adulta, esses trilhamentos primitivos produziram efeitos, conduzindo o curso das diversas possibilidades de se relacionar e de vivenciar o amalgamento dos conteúdos amorosos e da agressividade.

2.7 – Destrutividade e objetos amorosos

Winnicott (1939) afirma que “Amor e ódio constituem os dois principais elementos a partir dos quais se constroem as relações humanas” (WINNICOTT, 1939, p.93), e que ambos, amor e ódio, possuem a agressividade como denominador comum do qual se originam. A destrutividade é elemento inerente ao funcionamento psíquico e às relações de objeto, por ser uma das possibilidades de desdobramentos da agressividade primária. Como efeito, a destrutividade acarreta dificuldades para o indivíduo, principalmente ao que se refere em assumir a sua responsabilidade pelos seus sentimentos destrutivos em relação aos seus objetos amorosos. A maior integração no Ego dos conteúdos destrutivos permite que o indivíduo assumira o sentimento de ambivalência amor/ódio nas relações de objeto, qualificando o objeto como amado e odiado, passando a reconhecer o objeto de modo mais integrado. Desse modo, a integração desses aspectos ambivalentes dos objetos, proporcionam um balizamento das tendências destrutivas do indivíduo em suas relações. Para tanto, consideremos um indivíduo que alcançou uma sofisticação maior de seus processos de integração do Ego, não sendo mais um Ego rudimentar, embora consideremos que Winnicott (1960) assinala que todo indivíduo carrega dentro de si todas as suas idades, estando sempre vulnerável a retornar à uma delas. No entanto, o indivíduo já é capaz de conceber que o objeto que é amado é o mesmo que é odiado, e que ao desejar destruir o objeto, pode-se aniquilar também o objeto que é amado.

Essa concepção, permite que o Ego tente regular suas tendências destrutivas, para proteger o objeto. A destrutividade dispendida em fantasia inconsciente, exerce seus efeitos

positivos ao permitir que o indivíduo integre seus elementos destrutivos em sua organização psíquica, destruindo o objeto e permitindo que ele sobreviva. Winnicott (1964) ao se referir a uma frase de Oscar Wilde “Todo homem mata aquilo que ama” (*apud* WINICOTT, 1964, p.108), indica que o amor é potencialmente mortífero. Situando a agressividade como força norteadora das relações amorosas, acrescenta que ao observar as brincadeiras infantis, podemos notar a intenção da criança de machucar o objeto que é amado. Winnicott (1964) insere um desafio ao desenvolvimento emocional, ao se questionar de que maneira pode-se encaminhar a força da agressividade, com toda a sua potência destrutiva, para que o indivíduo possa desempenhar “a tarefa de viver, amar e (finalmente) trabalhar?” (WINICOTT, 1964, p.108). Diante desse questionamento, abre-se o entendimento da importância da integração dos elementos destrutivos no Ego, e do amalgamento da agressividade com o erotismo, de modo que a agressividade possa ser utilizada construtivamente.

Winnicott (1968) após revelar um sonho pessoal, que possui como conteúdo a integração dos elementos destrutivos, indica a possibilidade do Ego em integrar os elementos destrutivos em três aspectos: ocupar o lugar do objeto que é destruído, ocupar o lugar de quem destrói o objeto e, por sua vez, ocupar o lugar de quem observa os dois movimentos e admite suas coexistências. Essa possibilidade triádica de integração dos elementos destrutivos revela os destinos possíveis existentes para a agressividade nas relações do Ego com os objetos. Ao desejar destruir o objeto observamos a face sádica do impulso agressivo, ao ser o objeto destruído, a sua face masoquista, e ao ser o observador, a possibilidade de incluir na composição da instância egóica essas duas faces, sádica e masoquista, como os caminhos possíveis para a agressividade.

Ao pensarmos sobre a integração dos elementos destrutivos no Ego e na possibilidade construtiva do uso da agressividade, recorreremos aos exemplos clínicos que Winnicott (1960) relata e que exemplificam as dificuldades e impasses, tanto de seus pacientes, quanto do seu manejo no trabalho com os pacientes. Dentre os vários casos que Winnicott (1960) se refere, destacamos um recorte clínico em que a questão da integração dos elementos agressivos e amorosos aparece no interior de uma análise e na transferência com o analista. O relato é do caso de um paciente que no caminho que fazia para chegar na sua sessão, passava pela vitrine de uma loja, na qual tinha exposta uma serra elétrica. Sempre que o paciente passava por ali, parava e fica admirando a serra elétrica com seus dentes afiados. O paciente gostava de eventualmente fazer trabalhos de jardinagem em sua casa de campo, motivo pelo qual a serra elétrica lhe chamava tanto a atenção. Ao comunicar esses conteúdos em sua análise, Winnicott

(1960) percebeu que esse era o modo do paciente alcançar seus conteúdos primitivos de agressividade e do amor impiedoso, devorador, representados nos dentes da serra elétrica. Winnicott (1960) faz apontamentos sobre esse caso, destacando a importância de integrar esses conteúdos primitivos, e questiona o paciente sobre a agressividade presente no amor, ao perguntar-lhe “será possível, ao mesmo tempo, comer o doce e guardá-lo?” (WINNICOTT, 1960, p.157). Tal questionamento aponta para a intrínseca relação entre amor e agressividade, na qual em determinada medida é destrutiva, mas de acordo com o objetivo da ação é também, paradoxalmente, construtiva. Ainda sobre esse caso, Winnicott (1960) assinala que se seu paciente em seus serviços de jardinagem apenas derrubasse árvores e cortasse deliberadamente as plantas, sem que houvesse um objetivo construtivo nessa ação, isso poderia ser tomado como um ato de insensatez e de pura destrutividade. Com isso, conjecturamos que a agressividade comporta a possibilidade de ser usada tanto para fins destrutivos, como para fins construtivos.

O exemplo clínico de Winnicott (1960) evidencia a presença dos conteúdos agressivos e amorosos no trabalho analítico com os pacientes. Consideremos que a agressividade e o amor primitivo são elementos fundamentais das relações interpessoais/amorosas, e, portanto, estarão presentes na relação transferencial com o analista e também nos efeitos da relação contra-transferencial do analista para com o paciente. Desse modo, apresenta-se necessário que o trabalho clínico e a transferência sejam compreendidos como dispositivos que irão suscitar os conteúdos inconscientes do paciente, como também seus conteúdos primitivos que antecederam o período edípico e até mesmo a primeira mamada teórica. O analista despertará os elementos amorosos e agressivos do paciente, que poderão trazer a possibilidade, sob efeito transferencial, do paciente entrar em contato com seus conteúdos e criar novos modos de usar sua agressividade, encaminhando-a para um caminho mais construtivo para si mesmo.

Consideramos que variadas possibilidades de arranjos possíveis dos elementos amorosos e agressivos, possuem sua gênese em períodos iniciais da construção do Ego. Tais elementos, exercem paradoxalmente a função de fundamento do processo de construção subjetiva, como também são o próprio substrato para o trabalho que esse processo desempenha. Por meio do amor e da agressividade, as fronteiras egóicas se estabelecem e a relação com a alteridade materna se inicia. O amor primitivo contempla em si mesmo as duas dimensões, amor e agressividade.

Daremos continuidade às respectivas questões sobre a dinâmica psíquica dos elementos amorosos, agressivos e destrutivos, componentes do Ego e das relações objetais, no terceiro capítulo desse trabalho. Considerando as perspectivas teóricas que fundamenta nossa pesquisa, propomos uma reflexão sobre os conceitos apresentados por Freud e Winnicott sobre o referido tema.

CAPÍTULO III

3. Sobre a destrutividade nas relações amorosas: problematizações teórico/clínicas a partir de um diálogo entre Freud e Winnicott.

Prosseguindo com a nossa investigação sobre o tema da destrutividade nas relações amorosas, alcançamos a possibilidade de melhor compreender a intrínseca relação entre os elementos agressivos e amorosos que operam tanto na gênese quanto na dinâmica psíquica. Esse capítulo se propõe a realizar uma reflexão sobre os pontos de encontros e de desencontros, localizados entre as teorias freudiana e winnicottiana, de acordo com a nossa investigação. Contudo, não temos a pretensão de esgotar toda a questão sobre o nosso tema e nem de promover uma leitura que identifique um autor ao outro autor, mas tecer fios temáticos que perpassam as obras dos dois autores, de forma a preservar a originalidade de cada um. Optamos por abordar conjuntamente a perspectiva teórica de cada autor, destacando eixos temáticos que norteiam essa reflexão. Por fim, procuramos elucidar as nossas conjecturas, no tocante às questões relativas ao trabalho clínico, bem como, à função do analista que ao se oferecer à transferência, estará se posicionando como objeto de investimento pulsional de seus pacientes. Dessa forma, lidar clinicamente com os elementos amorosos e destrutivos constituintes da relação transferencial se torna um destino inevitável que demanda reflexões em prol da condução do tratamento.

Para tal, inicialmente, retomamos alguns conceitos da teoria freudiana e da teoria winnicottiana, que foram trabalhados no primeiro e no segundo capítulos desta dissertação. Destacamos alguns aspectos teóricos, organizando-os em três eixos de tematização, que são norteadores para a nossa reflexão:

- 1) Identificação narcísica e Cuidados maternos. Nele, promovemos uma reflexão sobre o processo de identificação narcísica estabelecido entre o Ego e seus objetos amorosos, o qual indica que podemos considerar que o Ego e os objetos encontram-se parcialmente indiferenciados no estabelecimento das relações objetais. A identificação narcísica, então, será tomada como ponte para o questionamento sobre a participação dos cuidados maternos como agente modulador dos processos psíquicos primitivos.

2) Processo de diferenciação Ego/objeto: Ambivalência e Agressividade. Nesse eixo temático, tratamos da ambivalência amor/ódio como possibilidade de o Ego amar e odiar o objeto e a si mesmo concomitantemente. Tal amalgamento de elementos amorosos e destrutivos presentes no processo de diferenciação Ego/objeto e de suas relações, nos permite inserir uma discussão sobre a possibilidade de pensarmos esses movimentos a partir do prisma da agressividade e destacar a função capital que a sobrevivência do objeto assume para os processos de construção do Ego e das relações objetais.

3) Dinâmica pulsional e Modulações da agressividade. Nesse eixo temático, abordamos o estabelecimento da dinâmica pulsional sadismo/masoquismo no exercício das relações amorosas e seu caráter reflexivo, conjuntamente nos referimos à força da agressividade que se apresenta, em princípio, como potencial agressivo a ser colocado em ação destacando que esse potencial agressivo poderá adquirir contornos construtivos e destrutivos.

Diante de tais enlaces teóricos, finalizaremos nosso capítulo com algumas reflexões referentes ao nosso tema de pesquisa e sua implicação no campo da prática clínica. Ao nos propormos pesquisar uma questão que teve como seu disparador a clínica, é a ela que retornamos ao compormos um ponto de chegada para este trabalho. Compreendemos que pensar a destrutividade nas relações amorosas, também nos permite pensar a relação de transferência entre paciente e analista, incluindo-a na ordem destas relações. Partimos do pressuposto de que, a relação de transferência é uma metáfora das relações amorosas, o que consequentemente a torna portadora dos elementos agressivos, destrutivos e eróticos, assim como nas demais relações interpessoais. Nossa reflexão final visa destacar alguns apontamentos sobre a presença de tais elementos agressivos e destrutivos na relação transferencial, a partir das ideias de Freud e de Winnicott e das possibilidades de diálogo que fomos capazes de promover entre suas proposições.

3.1 – Identificação narcísica e Cuidados maternos

As ideias freudianas apresentadas no trabalho intitulado “Luto e Melancolia” (1917) nos permitiram conceber a fundamental importância dos processos de identificação narcísica nas relações objetais, nas quais entre Ego-objeto encontra-se a possibilidade de uma interface que admite uma sobreposição entre ambos. Essa interface na qual uma parcela do

Ego se confunde ao objeto, tornando-os indistinguíveis subjetivamente, podemos compreender como um ponto de identificação narcísica que enlaça Ego/objeto.

Acreditamos que para compreendermos o narcisismo presente nessa modalidade de identificação, seja necessário nos remetermos ao processo de construção do narcisismo primário, tal como proposto por Freud. Em sua perspectiva, o narcisismo se estabelece em momentos iniciais do aparelho psíquico, em que o Ego em construção, encontra-se em um estado puramente narcísico, o que implica em ser ele próprio objeto de sua satisfação. No entanto, anterior ao estado narcísico e ainda contemporâneo a ele, o estado autoerótico permite que a satisfação pulsional seja alcançada por intermédio do próprio corpo, por meio das pulsões parciais, propiciando a satisfação erógena. Essa possibilidade de satisfação preconiza a possibilidade do Ego ser tomado como próprio objeto de satisfação e por conseguinte de amor.

Do ponto de vista do bebê, a satisfação alcançada nos momentos de tensões internas, são provenientes de si mesmo. Sua organização egóica ainda é inicial e rudimentar para considerar a presença de uma externalidade e de uma alteridade materna que lhe dedica cuidados e o alimenta. Para Freud (1905) a emergência da pulsão está condicionada ao exercício da função materna no atendimento às necessidades vitais de seu bebê. Pois, a mãe ao oferecer o seio ao bebê, que recebe o prazer advindo ao saciar a fome, suplanta a necessidade de nutrição e instaura o circuito pulsional, desejante.

Os cuidados iniciais destinados ao bebê podem ser compreendidos pela teoria freudiana como objetos parciais da pulsão, sentidos pelo bebê como autoeróticos. O objeto seio, é sentido pelo bebê como uma parte sua capaz de lhe satisfazer, sendo também transferida para alguma parte do corpo, que ao ser sugada ou acariciada promove alívio das tensões e satisfação. Freud (1905) se refere ao chuchar ao designar esse recurso de satisfação autoerótica que auxilia nos momentos de tensão interna para seu apaziguamento parcial.

Em nossa perspectiva, torna-se importante assinalar que, segundo Freud, este período autoerótico que se integra ao período narcísico, é delineado pelo narcisismo dos pais e de quem se ocupa em cuidar do bebê. Os pais atribuem aos filhos suas expectativas e desejos, que revelam suas próprias aspirações narcísicas. Poderíamos conjecturar que os pais dotam o bebê de seus narcisismos, e que, ao suporem no bebê uma subjetividade, colocam em marcha a possibilidade do estabelecimento do narcisismo primário e do seu processo de subjetivação.

Paradoxalmente, o narcisismo do bebê é construído concomitantemente ao investimento libidinal que lhe é dedicado.

Inicialmente, podemos atribuir mais acentuadamente essa tarefa de dedicar-lhe cuidados a quem desempenha a função materna, que na maioria das vezes é a própria mãe. Apoiada em seu próprio narcisismo a mãe dedicará cuidados ao bebê, que servirão de pano de fundo para que suas inscrições narcísicas possam construir seu narcisismo. Esse período inicial da composição das pulsões parciais autoeróticas, permitem que as primeiras demarcações das fronteiras do Ego se estabeleçam pela via da identificação narcísica. Desse modo, a construção do Ego e das relações do Ego com os objetos, são precursores de um período em que os cuidados advindos de uma alteridade/externalidade que ocupa lugar de objeto de satisfação, estava indistinguível para o bebê como tal, fornecendo registros de uma indiferenciação. Esse período inicial de identificação narcísica entre Ego-objeto pressupõe uma indistinção parcial entre ambos, no qual subjetivamente o Ego é também o objeto que lhe satisfaz e o alimenta.

Para Freud (1914) os cuidados dedicados pela mãe e a qualidade com que esses cuidados são recebidos, se apaziguadores ou não, demarcam trilhamentos pulsionais que delinearão os caminhos pelos quais o Ego encontrará satisfação em futuras experiências. O investimento libidinal destinado ao bebê, por meio dos cuidados maternos recebidos, é capaz de despertar as excitações pulsionais prazerosas. Desse modo, as experiências de satisfação tornam-se registros norteadores para os investimentos libidinais futuros que o indivíduo virá a fazer ao longo de sua vida.

Frente a essas formulações freudianas, vislumbramos um ponto de encontro com o pensamento winnicottiano, embora nosso objetivo não seja tomar as duas teorias como equivalentes em seus conceitos. No entanto, quando Freud (1914) se refere ao investimento libidinal destinado ao bebê, advindo do narcisismo materno, como sendo propulsor do Ego e do estabelecimento das possibilidades futuras das relações de objeto, compreendemos que Freud indica que desse investimento libidinal recebido primitivamente, algo da capacidade de amar e de se relacionar com os objetos, e consigo mesmo, estará sendo inscrito pelo exercício da função materna. Desta forma, ainda que as funções maternas não estejam explicitamente estudadas na obra freudiana, acreditamos que as considerações efetuadas nos permitem uma articulação com as ideias winnicottianas, no que diz respeito aos cuidados maternos iniciais e seus efeitos na construção do Ego e das relações entre Ego-objeto.

Para Winnicott (1990) inicialmente bebê e mãe encontram-se indiferenciados subjetivamente, o que implica em uma relação de dependência absoluta do bebê em relação à mãe e demanda da mãe uma adaptação às necessidades do bebê. Essa adaptação é viabilizada pelo estado de preocupação materna primária que acomete as mães após o parto e que permite que elas saibam, ilusoriamente, sobre seus bebês e sobre quais são suas necessidades. Desse modo ilusório, a mãe também está ativamente dotando o bebê de uma subjetividade que se instaura a partir de sua própria subjetividade.

A mãe suficientemente boa é capaz de adaptar-se às necessidades do bebê e gradativamente permitir que a dependência absoluta possa se tornar relativa e seguir rumo à independência. A adaptação da mãe/ambiente e o modo com que a mãe maneja o seu bebê ao dedicar-lhe cuidados físicos, exercem efeitos afetivos no bebê, que registra tais experiências como as primeiras experiências de amor. Esses primeiros registros psíquicos trilharam fundamento para a capacidade de amar do indivíduo e de se relacionar com os objetos. Nesse aspecto podemos compreender que a função materna, com seu investimento libidinal ao dedicar cuidados ao bebê desde seus momentos iniciais, provoca sua erotização e o prepara para as relações com os objetos amorosos.

Para Winnicott (1966), concomitantemente ao período de dependência absoluta, o processo de identificação primária passa a operar. A mãe identifica-se ao bebê, sentindo-o como sendo parte dela mesma e o bebê em pleno estado de indiferenciação sente-se como a própria mãe.

Acreditamos que aqui tocamos em um ponto de discordância entre Winnicott e Freud pois, a concepção apresentada por Winnicott de que o bebê é a mãe, nesse momento de identificação primária, instaura um afastamento da concepção freudiana sobre a identificação narcísica, em que o bebê é alocado no lugar do portador da capacidade de realizar o ideal dos pais.

Para Freud (1914) o bebê irá tomando contato com objetos parciais da pulsão que promovidos pelo autoerotismo são sentidos em um primeiro momento como si mesmo. Ao passo que o autoerotismo pode integrar-se ao narcisismo, a externalidade pode gradativamente tornar-se reconhecível como tal e o objeto pode também ser, aos poucos, remetido a ela. Desse modo o processo de diferenciação Ego/objeto está sustentado pelo narcisismo proveniente dos pais.

No entanto, a identificação primária para Winnicott (1966) contempla a possibilidade do bebê ser inicialmente um com a mãe, indiferenciado subjetivamente. Se a mãe está, por exemplo, sem vivacidade, o bebê também estará. Pois nessa identificação primária, o bebê é a mãe. A partir desse estado de indiferenciação, gradativamente o reconhecimento dos objetos parciais passam a operar.

Entendemos que, para Freud o bebê encontra-se como objeto de desejo inscrito no narcisismo dos pais e em alguma medida, pela via da identificação, é representante dos ideais dos próprios pais. Compreendemos que a identificação primária na perspectiva de Winnicott abarca uma dimensão mais ampla em relação ao narcisismo proposto por Freud, na medida em que Winnicott, ao compreender o bebê como uma extensão da mãe, e não apenas como representante dos seus ideais, pode propor que o bebê é a mãe. No entanto, a necessidade de um processo posterior de diferenciação entre mãe/bebê, Ego/objeto, para a construção das fronteiras egóicas, é observável nas duas vertentes psicanalíticas.

O processo de diferenciação Ego/objeto, ocorre gradualmente em decorrência da concomitância dos processos psíquico necessários para a construção do Ego. Esses processos de diferenciação recrutam elementos psíquicos agressivos que são inatos. Tais elementos agressivos presentes na dinâmica psíquica, são elucidados tanto por Freud, como por Winnicott, de modos originais. Passaremos então ao próximo eixo temático, no qual poderemos desenvolver as ideias encontradas referente à agressividade e sua participação no processo de construção do Ego e das relações objetais.

3.2 – Processo de diferenciação Ego/objeto: Ambivalência e Agressividade

De acordo com Freud (1917) o Ego é capaz de relacionar-se com o objeto de modo a amá-lo e odiá-lo simultaneamente. A oposição amor/ódio, que admite duas polaridades contrárias em um mesmo investimento afetivo, caracteriza a ambivalência. A teoria freudiana compreende a ambivalência como originária no aparelho psíquico, sendo o modo pelo qual as pulsões atuam. Essa perspectiva implica considerar que os pares de opostos, ativo/passivo, sadismo/masochismo, amor/ódio, são emergentes da força das pulsões e conduziram Freud (1920) para a conceituação das pulsões de vida e de morte.

A face destrutiva das pulsões está associada à pulsão de morte, à atividade, ao sadismo e ao ódio, bem como todos os movimentos que impliquem na destruição do objeto,

de modo intencional ou não. São esses elementos agressivos/destrutivos que também permitem que o Ego possa se diferenciar do objeto ao dirigir a ele a carga afetiva desprazerosa que perturba a sua organização inicial.

No desenvolvimento de nossa pesquisa, não encontramos elementos que nos permitisse perceber que Freud promova uma distinção conceitual entre os termos agressividade e destrutividade, utilizando também o termo agressão para se referir a esses movimentos referidos e associados à pulsão de morte. Para Freud (1920) a ambivalência pulsão de vida/pulsão de morte é inata e organizadora do funcionamento psíquico em seus processos mais primitivos e precursora da dinâmica sádica/masoquista nas relações objetais.

Por meio de nossos estudos, pudemos cernir que as relações objetais se estabelecem por meio de identificações, em seus mais variados níveis. Então, uma parcela de indiferenciação entre o Ego-objeto está presente, atribuindo ao objeto afetos que são ao mesmo tempo destinados ao próprio Ego. Desse modo, pela via da identificação narcísica o Ego ao amar/odiar o objeto, está dirigindo a si mesmo tais afetos. Essas conjecturas presentes nas ideias freudianas norteiam nossa investigação ao nos indicar que nessa interface da identificação narcísica, em que Ego-objeto se sobrepõe, o Ego se relaciona com o objeto como se relaciona consigo mesmo, ou seja, o tratamento que o indivíduo oferece ao objeto está associado ao modo como o indivíduo trata a si próprio. Ao maltratar o objeto, está maltratando inconscientemente a si mesmo em alguma medida, destinando ao objeto/Ego a parcela de agressividade/destrutividade, sádica/masoquista, das pulsões. Ao agradar o objeto, também revela a amorosidade que possui por si próprio, seu próprio narcisismo, revelando a parcela da pulsão composta pelo erotismo. Podemos entender com isso que o modo com que o Ego se relaciona com os objetos é o modo como se relaciona consigo mesmo ao também ocupar status de objeto da pulsão.

Em nossa pesquisa, pudemos demarcar que tais possibilidades de configurações narcísicas e de relações objetais, são construídas na relação com a alteridade materna, que demarca inscrições psíquicas para o curso dessas relações. A presença do sadismo/masoquismo atuando nesses estágios iniciais, promove parcialmente as possibilidades de diferenciação entre o mundo interno/mundo externo, Eu/Não-Eu, Ego/objeto.

Considerando a presença do masoquismo originário, postulado por Freud (1926), uma parcela da pulsão de morte é desviada para fora do Ego, adquirindo caráter de sadismo, que ao atingir o objeto, promove a possibilidade do Ego começar a deste se diferenciar. A

ambivalência amor/ódio aproxima e afasta o Ego dos objetos, paradoxalmente, na medida em que pode se identificar e se diferenciar dele, constantemente. Nesse sentido, acreditamos ser possível atribuir à pulsão de morte um caráter positivo no que se refere à destrutividade endereçada aos objetos. É na possibilidade de destruir o objeto que se encontra o distanciamento necessário para as fronteiras egóicas se consolidarem, e seu processo de singularização se fundamente em momentos iniciais. Também em períodos posteriores em que um Ego singularizado se relaciona com os objetos, o caráter destrutivo da pulsão de morte, o elemento ódio, ao atacar os objetos amorosos, promove a diferenciação entre Ego/objeto.

Essa operação psíquica, permite que, embora a corrente amorosa se movimente em prol do retorno inicial da união entre Ego/objeto, a corrente destrutiva assegura que o Ego não abandone suas fronteiras e possa conservar uma singularidade parcial ao se relacionar com os objetos. Desse modo, é possível supor uma positividade na destrutividade e na pulsão de morte, que de modo paradoxal, por meio da destrutividade, é capaz de preservar a singularidade do Ego.

Ao investigar o problema econômico do masoquismo, Freud (1926) admite um amalgamento entre as pulsões de vida e de morte que permite que os elementos eróticos atuem intrinsecamente aos elementos destrutivos. Nesse mesmo trabalho, Freud (1926) se refere a um período inicial de indiferenciação entre às pulsões, anterior ao seu amalgamento, na qual ganhariam contornos das pulsões sexuais e das pulsões destrutivas ao entrarem no aparelho psíquico. Frente a esse pensamento, Freud (1920) concebe que a pulsão de morte seria a pulsão por excelência, uma pulsão original. Desse modo, permite atuações ao adentrar ao aparelho psíquico, que satisfazem as pulsões sexuais e as pulsões de meta destrutiva.

Para melhor compreender essa perspectiva recorreremos a um interlocutor que nos auxiliou com suas contribuições sobre essa perspectiva, que permite pensar as pulsões sem caráter dualista da pulsão em origem. Garcia-Roza nos indica que ao considerarmos a pulsão de morte como pulsão original, como afirma Freud (1920), podemos compreender uma pulsão desprovida de qualidade (vida e morte) em sua origem. O caráter dualista da pulsão se configura, sob essa perspectiva, com sua entrada no aparelho psíquico que permite a ligação da pulsão com os representantes psíquicos.

Essas contribuições acerca da teoria pulsional nos permitiram vislumbrar uma aproximação com a teoria winnicottiana, respeitando sua lógica própria, no que se refere ao tema da agressividade primária e seus modos de organização construtivos e destrutivos.

Winnicott (1990) afirma sua insatisfação em relação às ideias que compõem o conceito de pulsão de morte, formulado por Freud. No entanto, indica que há algo importante no que Freud descobriu e compreendeu como pulsão de morte. De acordo com o autor:

“Freud falou sobre o estado inorgânico do qual se origina cada indivíduo e ao qual todo indivíduo retorna, e com base nisso formulou a sua ideia dos Instintos de Vida e de Morte. Ao propor este fato óbvio sugerindo que ali estava oculta uma verdade, Freud nos deu uma amostra de seu gênio. No entanto, nem o uso que Freud fez deste fato nem o desenvolvimento da teoria dos Instintos de Vida e de Morte a partir do mesmo foram capazes de me convencer, e seria mais útil aos que pretendem levar adiante o trabalho de Freud que, deste ponto em diante, abandonem tudo exceto a ideia original”. (WINNICOTT, 1990, p. 154).

Em nossa perspectiva, acreditamos que podemos supor que com essa afirmação, Winnicott esteja indicando como ideia original, a presença dos elementos agressivos inatos, que exercem seus efeitos no processo de construção do Ego e das relações objetais. Na teoria Winnicottiana, o tema da agressividade é um dos alicerces para compreender a teoria e o desenvolvimento emocional primitivo. Para Winnicott (1950-55) um potencial agressivo inato está presente no bebê, exercendo seus efeitos desde a vida intrauterina por meio da motilidade física. Os movimentos que o bebê realiza dentro do útero, sem intencionalidade de sê-los, são propiciados por este potencial agressivo que permanece atuante após o nascimento, nas manifestações físicas e subjetivas do bebê. É importante destacarmos que para Winnicott (1950-55) a agressividade não possui caráter destrutivo inato, ela é compreendida como potência, força, movimento em direção à externalidade, em última análise, é atividade. O potencial agressivo, após ser colocado em marcha pelos cuidados iniciais recebidos e pelas suas tensões internas, colocando sua força em movimento, ganha status de agressividade. A agressividade em origem é atividade e não possui ainda contornos, modulações. Tais aspectos serão inscritos no encontro de tais movimentos com a alteridade materna, o ambiente/mãe. A partir desses contatos iniciais, que incluem o período anterior ao nascimento, entre bebê e útero materno (primeiro ambiente), a agressividade passa a adquirir modulações que poderão ser construtivas e destrutivas.

Sob essa perspectiva, compreendemos um ponto de aproximação entre as ideias freudianas sobre a pulsão original, no modo como nós a concebemos, sem qualidade em sua origem, e disponível para assumir destinos agregadores/vida e desagregadores/morte, e o pensamento paradoxal winnicottiano, acerca da agressividade como potencial a ser modulado

no encontro com o ambiente/mãe. Tanto os modos de atuação das pulsões vida/morte, quanto os caminhos da agressividade construtivos/destrutivos, não estão postos ou dados em modo inicial, mas potencialmente presentes para serem configurados e adquirirem tais funções. Respeitando a singularidade das conceituações em questão, conjecturamos que a presença dos elementos agressivos e destrutivos, estão presentes em ambas perspectivas teóricas como fundamentais e participativos no processo de construção do Ego, na possibilidade de aproximação e de afastamento do objeto amoroso, bem como na dinâmica das relações objetais.

O pensamento winnicottiano traz como contribuição ao nosso tema de pesquisa, uma perspectiva própria em relação a função da mãe/ambiente como agente ativo na modulação das possibilidades de atuação que a agressividade poderá assumir. Pela via dos cuidados iniciais recebidos e da forma como a mãe maneja o bebê, a agressividade primária, que inicialmente é expressão de amor impiedoso, *ruthless*, voracidade, passa a adquirir contornos, paulatinamente, na sucessão de experiências em que as tensões internas podem ser apaziguadas e suas necessidades atendidas. A adaptação da mãe às necessidades do bebê, o conduzem à experiência de uso do objeto, objetivamente concebido, que permite o parcial reconhecimento de uma realidade externa. Desse modo, as possibilidades de ação da mãe/ambiente/objeto ao sobreviver à agressividade dirigida a ela pelo bebê, exercem efeitos na dimensão da construção psíquica, no estabelecimento do contato com a externalidade e nos possíveis caminhos que a agressividade irá assumir na organização do Ego e na dinâmica das relações objetais. Assim, compreendemos que as possibilidades de ação do objeto/mãe, ao receber a agressividade do bebê, podem ser de sobrevivência ou de retaliação e encaminham o uso da força da agressividade, que poderá ser usada construtivamente (objeto sobrevive), propiciando efeitos agregadores e de maior desenvolvimento e integração ao Ego em seus processos, como também ser usada de forma destrutiva (objeto não sobrevive e oferece retaliação), conduzindo a agressividade para um caminho destrutivo, que propicia efeitos desagregadores ao Ego, refreando seu processo de integração. Tais modulações da agressividade, intrinsecamente relacionadas com a ação do objeto, nos indicam a perspectiva de uma força de agressividade primária que impulsiona o desenvolvimento e a integração do Ego, e que precisa e depende das oposições propiciadas pela mãe/ambiente/objeto para assumir status de ação construtiva e destrutiva.

A agressividade presente nas relações amorosas, possuem seu cerne nesse período primitivo de modulação da agressividade. Para Winnicott (1950-55), as diferentes

possibilidades de fusão entre potencial agressivo e potencial erótico, configuram as atuações sádica/masoquista, nas possibilidades do Ego se relacionar. Tais configurações são correspondentes a esse período primitivo em que a identificação primária está operando e a ação do objeto/mãe exerce seus efeitos.

Acreditamos que o lugar de destaque que a teoria winnicottiana confere às possibilidades de ação do objeto, sobrevivência – retaliação, atribuem um diferencial em relação à teoria freudiana, que de acordo com nossa pesquisa pudemos conjecturar que Freud parece não haver se dedicado ao estudo detalhado da relação mãe-bebê e de suas implicações para a constituição da subjetividade. No entanto, percebemos que Freud indica ao longo de sua teoria que é por meio do investimento libidinal narcísico da mãe, que o bebê torna-se erogenizado e pulsionalizado, localizando também na relação inicial com a mãe a moldagem subjetiva para as escolhas das relações objetais futuras. Desse modo, para melhor compreendermos a implicação da agressividade/destrutividade nas relações amorosas, prosseguiremos à nossa discussão, abordando freudianamente a dinâmica pulsional, que comporta a dualidade sadismo/masoquismo e que nos permite uma articulação teórica com os possíveis caminhos construtivos e destrutivos da agressividade, desenvolvidos por Winnicott.

3.3 – Dinâmica pulsional e modulações da agressividade

A teoria freudiana nos elucidada a dinâmica ativa/passiva, sádica/masoquista, das pulsões e seus possíveis destinos, ao conceber o Ego como objeto da própria pulsão. A proposta freudiana da teoria pulsional, no que se refere à segunda tópica, caracteriza-se pela conceituação das pulsões de vida e da pulsão de morte. A formulação da pulsão de morte insere a possibilidade de compreendermos a existência de uma parcela de potencial destrutivo inato, concomitantemente amalgamado ao potencial erótico da pulsão de vida. Compreendemos que a conceituação da pulsão de morte se fez presente pela necessidade teórica que se apresentou no desenvolvimento da teoria psicanalítica, ao considerar uma vertente econômica para a dinâmica pulsional. A dinâmica sadismo/masoquismo ao ser inserida sob a perspectiva econômica, elucidada a Freud (1924) que as pulsões são capazes de atuar em movimentos que concebem a possibilidade de infligir sofrimento ao próprio Ego, contrariando a premissa de auto-conservação e primazia do princípio do prazer.

A partir da nossa perspectiva sobre a pulsão de morte/pulsão original, o estabelecimento das ligações libidinais da pulsão original com as representações psíquicas, configurariam as possibilidades de atuação pulsional, de movimentos em direção da promoção da vida e da morte do Ego. Desse modo, as pulsões de vida e de morte encontram-se indistinguíveis em sua origem, preservando uma parcela desse período ao longo de seu percurso. Essa parcela de indistinção preservada do estado original, permite que as polaridades opostas possuam um ponto comum entre si mesmas, um ponto médio reflexivo que insere uma terceira possibilidade na dinâmica pulsional, admitindo a coexistência das oposições atuando simultaneamente. Freud (1924) assinala o amalgamento das pulsões de vida e de morte, presentes na dinâmica dos elementos eróticos e destrutivos, o que nos permite compreender a ambivalência amor/ódio, presente na relação do Ego com os objetos. Podemos conjecturar que se a dualidade pulsional admite uma interface de indistinção entre si, um ponto médio reflexivo, tal possibilidade também é presente nas dualidades decorrentes dessa dinâmica pulsional. Assim, as oposições ativo/passivo, sadismo/masiquismo, amor/ódio, também possuem um ponto médio reflexivo, no qual as polaridades opostas não se distinguem, sendo simultaneamente uma e outra. Essa compreensão do caráter dualista das pulsões possibilita pensá-las sob uma perspectiva triádica, que integra afetos opostos, com metas contrárias e que ao mesmo tempo concorrerem ao mesmo objeto.

Tal proposta, nos faz pensar em uma articulação possível com a teoria winnicottiana, no que se refere ao pensamento paradoxal da construção subjetiva, que permite que a agressividade possua em potência a possibilidade de desdobrar-se em força construtiva e também em força destrutiva. O que, em última análise, significa dizer que tais desdobramentos, são oriundos da mesma raiz agressiva e, portanto, podem ser entendidos como sendo uma única e mesma potência em origem. A aproximação da teoria freudiana se dá ao considerarmos que tanto sadismo como masiquismo, amor e ódio, são oriundos de uma pulsão original que em estado inicial é pulsão por excelência e que guarda em si potencialmente as possibilidades de vir a ser pulsão de vida e pulsão de morte. Para tanto, a perspectiva triádica, reflexiva, da dualidade pulsional, pode ser compreendida pelo pensamento paradoxal, admitindo que tanto amor quanto ódio são efeitos de uma mesma fonte pulsional. Poderíamos compreendê-los como “duas faces da mesma moeda”, sendo essa moeda a pulsão. Essas conjecturas nos permitem compreender que a intrínseca relação entre amor e agressividade/destrutividade é originária, e arriscaríamos hipotetizar sob essa perspectiva, que amor e agressividade são em princípio a mesma corrente afetiva.

Tais aspectos teóricos nos parecem ser fundamentos importantes para a compreensão da destrutividade nas relações amorosas, pois nos indicam a intrínseca e primitiva inteiração entre os elementos agressivos e eróticos. Freud em 1905, em seu trabalho “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, já nos indica sua compreensão sobre a indistinção inicial entre o objeto da nutrição e o objeto da satisfação. Relaciona essa fase inicial, oral canibalesca, à incorporação do objeto, que implica na atuação da pulsão de dominação, a qual possui como meta apoderar-se do objeto. No entanto, o que gostaríamos de destacar frente a essa perspectiva, é a ideia inicial de Freud (1905), que já admitia a possibilidade de uma indiferenciação entre amor/ódio, que a função de nutrição instaura, e que para se satisfazer, pela via da incorporação, o objeto é consequentemente destruído.

Encontramos na teoria winnicottiana as concepções sobre o amor primitivo, que nos permitem uma aproximação às ideias freudianas no que se refere à possibilidade de que o objeto ao ser incorporado, necessariamente seja destruído. Para Winnicott (1950-55), o amor primitivo possui como cerne a agressividade primária, que se apresenta em forma de voracidade pelo bebê, a fim de apaziguar suas tensões internas. A mãe nesse momento está indiferenciada com o ambiente, e o bebê encontra-se em estado inicial de dependência absoluta. A sustentação desses momentos iniciais pela mãe, possibilita que os elementos subjetivos sejam colocados em marcha e exerçam seus efeitos de desenvolvimento emocional. Os cuidados que a mãe dedica ao bebê, são recebidos por ele como a primeira manifestação de amor e despertam o potencial erótico do bebê, em decorrência da satisfação ocasionada pelo apaziguamento de suas tensões internas.

Winnicott (1950-55) assinala a possibilidade de diversos arranjos para a fusão entre potencial agressivo e potencial erótico. Os diferentes arranjos possíveis da fusão, desdobram-se nas possibilidades sádica e masoquista do Ego de se relacionar com os objetos e de sentir-se real, encaminhando a agressividade de modos construtivos e destrutivos.

Esse amor inicial, voraz, amor-boca, tem como cerne a agressividade e o potencial erótico, a priori ambos não possuem uma relação e poderão ser fusionados em decorrência dos processos psíquicos e das possibilidades de sustentação e de ação da mãe/ambiente/objeto. A fusão entre o potencial agressivo e o potencial erótico propicia um balizamento da agressividade, quando o objeto pode ser concebido como sendo o mesmo objeto dos momentos de excitação e de apaziguamento. Assim, a agressividade ganha contornos que

permitem que o bebê destrua o objeto em fantasia, aliviando o montante de destrutividade endereçado a ele, propiciando melhores condições para a sua sobrevivência.

No entanto, compreendemos que também para Freud (1905) a incorporação canibalesca do objeto, implica em uma manobra que une amor e agressividade. Para tanto, o Ego ao incorporar o objeto alcança satisfação, o que poderíamos atribuir aos elementos amorosos e também ao incorporá-lo, implica em destruí-lo, o que poderíamos relacionar aos elementos agressivos com meta destrutiva. Essa operação psíquica, sustentada pelo narcisismo dos pais, permite o amalgamento das pulsões agressivas com as pulsões eróticas. Tal amalgamento possibilita um balizamento entre as pulsões, que permite apoderar-se do objeto sem aniquilá-lo, face ao seu reconhecimento como objeto amoroso.

Nos períodos iniciais de construção do Ego, podemos localizar no corpo os movimentos das pulsões e da agressividade, podendo ser observado em princípio pelos movimentos produzidos pela musculatura, motilidade, atividade. Frente às concepções teóricas, encontramos uma interessante articulação sob essa perspectiva entre os dois autores. Ao se referir a esta localização corporal da pulsão, Freud (1905) afirma que o movimento das pulsões é referente à parte ativa, correspondente à oposição ativo/passivo e alguns órgãos internos podem ser relacionados à parte passiva, como a mucosa do intestino, retendo estímulos. A articulação que nos parece possível é referente às contribuições de Winnicott (1966) no que se refere ao elemento feminino puro e ao elemento masculino puro.

De modo original, Winnicott (1966) assinala que no processo de identificação primária com a mãe, no qual o bebê é a mãe, o bebê é o elemento feminino puro, o que significa afirmar que o bebê se encontra em pleno estado de Ser, pois ele é a mãe e é também os objetos, pela sua condição de indiferenciação. Esse estado de Ser, nomeado por Winnicott (1966) como elemento feminino puro, atribui uma passividade em Ser, que em oposição, e em simultaneidade, estaria o elemento masculino puro, com sua condição de fazer, de atividade. Para Winnicott (1966) o amalgamento dos elementos feminino puro e masculino puro estarão presentes nos indivíduos de ambos os sexos. A agressividade está associada ao elemento masculino, como tudo que envolve atividade, incluindo a possibilidade de diferenciação entre Ego/objeto, por meio dos ataques destrutivos destinados pelo Ego, ao objeto, em seu processo de construção.

Percebemos que essa perspectiva em Winnicott, ao elucidar o amalgamento dos elementos femininos e masculinos e atribuir ao elemento masculino, ativo, as potencialidades da agressividade, se assemelha à perspectiva freudiana das oposições ativo/passivo,

sadismo/masochismo, amalgamados e presentes de modo primitivo nas manifestações do corpo, na construção do Ego e nas relações estabelecidas pelo Ego com os objetos amorosos.

Desse modo, podemos compreender quão primitivamente os elementos eróticos e agressivos são amalgamados, estando presentes em todas as relações do Ego com os objetos e consigo mesmo. Assim, nos permitimos indagar a presença de tais elementos e de sua dinâmica no processo clínico, inseridos na relação transferencial. Nos pareceu importante para avançarmos em nossa pesquisa, considerarmos a transferência como metáfora de uma relação amorosa, na qual encontram-se presentes os elementos psíquicos que compõe uma relação e também um objeto de amor, o analista. Para tanto, nos questionamos, como a destrutividade pode ser expressada na relação de transferência? Quais suas implicações para o trabalho clínico? Para melhor elucidação dessa temática, passaremos ao nosso próximo tópico.

3.4 – Conjecturas clínicas sobre destrutividade: amor/ódio de transferência?

Tendo em vista que em todas as relações estabelecidas entre o Ego e objetos poderemos observar a presença do amalgamento amorosidade/destrutividade, também consideramos que o analista, em seu trabalho, ao se oferecer à transferência, será tomado pelo paciente como objeto de amor. Desse modo, ao analista serão endereçados os conteúdos amorosos e agressivos/destrutivos do paciente pela via da relação transferencial. As consequências clínicas dessa constatação nos levaram a refletir sobre o lugar do analista na relação transferencial e as possibilidades de sustentação de um trabalho clínico a partir desse lugar. Assim, nos questionamos sobre quais as implicações e consequências para a função do analista, diante da destrutividade que lhe é destinada pelo paciente? Acreditamos que ao suscitarmos tais reflexões, poderemos elucidar questões que nos auxiliarão em nosso fazer clínico, visando uma maior compreensão das possibilidades de condução de um trabalho analítico.

3.5 – O lugar do analista na relação transferencial

Ao nos remetermos ao tema da transferência, tomamos como fundamento a conceituação freudiana, que nos indica que essa relação é pautada nas relações anteriores da história de vida do paciente. O que significa dizer que o modelo de relação que foi estabelecido

com as figuras materna e paterna estará atuando no modo como o paciente irá se relacionar ao longo de sua vida. Tal proposta coloca o analista no lugar de substituto dos objetos amorosos do paciente, sendo tomado como objeto de amor. Para tanto, estamos considerando que o paciente possui um conflito edípico, tendo alcançado esse estágio de organização egóica.

No entanto, gostaríamos de considerar também a proposta winnicottiana em nossa reflexão, na qual podemos conceber um paciente com questões anteriores ao período edípico, e ainda assim, também com questões concomitantes a ele. Desse modo, a relação de transferência opera em níveis mais primitivos e de maior dependência do paciente. Sob essa perspectiva, o analista não é somente um substituto dos objetos amorosos primitivos do paciente, mas, é, também, o ambiente do paciente, capaz de lhe oferecer estabilidade e constância. Para Winnicott, a função do analista poderá ser comparada à metáfora da função materna, o que significa dizer que, a relação transferencial ganha nuances do protótipo da relação inicial mãe-bebê. É evidente que o analista não é a mãe do paciente e o paciente também não é um bebê, ao menos em termos de idade cronológica. Mas o que Winnicott parece nos querer indicar com essa proposta, é que em algum nível da subjetividade, momentos primitivos do desenvolvimento estarão operando e perpassando a relação transferencial. Tais momentos de tendência à regressão subjetiva aos estágios de dependência absoluta e relativa ao ambiente, tornam possível que essa metáfora materna se viabilize e que o analista em sua função, represente também o ambiente/mãe que o paciente teve contato em seus processos de desenvolvimento emocional primitivo.

Percebemos que no tocante sobre conceituação de transferência, podemos observar uma diferença entre as ideias de Freud e de Winnicott. Entendemos que Freud se dedicou aos estudos das psiconeuroses, histeria e neurose obsessiva, em seu trabalho clínico. Para tal, o conflito edípico é ponto de ancoragem para o adoecimento psíquico e para o direcionamento do tratamento, bem como para a possibilidade de compreender a transferência e o lugar do analista.

Nessa perspectiva, o analista é tomado inconscientemente pelo paciente como um substituto do objeto de amor do conflito edípico, podendo ser a mãe ou o pai. Os conflitos inerentes às relações parentais, são transferidos para o analista, que obtém com isso, a oportunidade de permitir que o paciente encontre novas saídas para seus conflitos edípicos. Por meio da repetição do conflito na relação de transferência, e tendo a oportunidade de um objeto amoroso que se presta à essa função, o paciente pode elaborar seus conteúdos.

De acordo com o nosso entendimento, acreditamos que Winnicott recua um pouco no tempo do desenvolvimento emocional e inclui na repetição dos conflitos, momentos primitivos que permaneceram sem integrarem-se ao Ego. Desse modo, a função do analista pode também assemelhar-se à função materna em alguns casos, sem desconsiderar a presença dos conflitos edípicos, concomitantemente.

Frente a essas possibilidades de pensar a transferência, compreendemos que os elementos que irão compor esta relação estarão perpassados pelos sentimentos amorosos e pelos sentimentos hostis. O que nos permite perceber, também na transferência, a presença da agressividade e de seus desdobramentos construtivos e destrutivos, produzindo efeitos no trabalho analítico.

3.6 – Amorosidade e destrutividade na transferência

De acordo com Freud, a transferência é o dispositivo que evoca os sentimentos dos pacientes para com o analista. A disponibilidade do analista em escutar e em receber o paciente em seu consultório, dedicando a ele atenção e cuidados com seus horários, são investimentos de caráter narcísico, que produzem no paciente o reconhecimento de seu próprio narcisismo. Esses investimentos próprios da prática clínica, que o analista faz, visando a inserção do paciente no trabalho clínico, despertam os sentimentos amorosos do paciente.

Podemos conjecturar que se há um investimento narcísico por parte do analista ao se disponibilizar em receber e atender um paciente, e o comprometimento por parte do paciente em iniciar um trabalho, há também em algum nível uma identificação narcísica entre ambos. Se por um lado tal identificação narcísica por parte do analista é necessária para que invista seu tempo e atenção em seu paciente, por outro lado também, é necessário que os elementos agressivos em algum momento possam promover a diferenciação entre ambos. Pois o paciente não deve ser tomado como objeto do analista, mesmo que a ele sejam destinados investimentos. Nesse amalgamento dos conteúdos amorosos e destrutivos, é que a relação de transferência poderá produzir seus efeitos construtivos para a (re)organização psíquica do paciente.

No decorrer do trabalho analítico, o paciente ao se aproximar de conteúdos desagradáveis e que lhe causam sofrimento, se defende erguendo suas resistências. Entre essas, o endereçamento de sentimentos hostis para o analista. A tendência para que os conteúdos desagradáveis continuem inconscientes e a insistência do analista em querer saber

sobre eles, fazem emergir no paciente a ambivalência amor/ódio em relação ao analista. As faltas às sessões, o não pagamento dos honorários, atrasos e até mesmo ataques verbais, são formas que o paciente pode encontrar de expressar sua agressividade e hostilidade para com este objeto de amor. Acreditamos que, assim como Freud nos indica para que não se refute os elementos amorosos endereçados ao analista, mas também não se corresponda a eles, compreendemos que o analista não deve se furtar de entrar em contato com os conteúdos destrutivos do paciente, por compreender que é a partir de tais moções afetivas que o trabalho clínico pode avançar.

Ao considerarmos a proposta winnicottiana da função do analista como metáfora da função materna, podemos compreender que a agressividade inerente aos períodos primitivos do desenvolvimento estarão em pauta. Para alguns casos, em que o paciente se encontra em um maior estado de regressão e de dependência, o analista e o setting analítico, representarão o ambiente/mãe.

O ódio que o paciente vivenciou em momentos primitivos de falhas ambientais, serão novamente trazidos à tona e endereçados a esse ambiente atual que se ofereceu, no caso representado pelo analista. Em alguns casos a tentativa de destruir o ambiente atual é a tentativa de certificar-se da sua constância e consistência que não puderam ser preservadas no ambiente primitivo que o paciente possuiu. Assim, fica evidente a fundamental importância da sobrevivência do analista/ambiente para o êxito do tratamento.

Desse modo, a função do analista desdobra-se ainda um pouco mais, necessitando adaptar-se às necessidades de cuidados do paciente. Podemos considerar que essa possibilidade de vivenciar estados primitivos, remeterá subjetivamente ao amor impiedoso, no qual o paciente exige do analista sua disponibilidade de adaptação. No entanto, tais demandas clínicas também podem provocar no analista seus conteúdos agressivos e o ódio.

Winnicott (1947) assinala a importância para alguns casos de pacientes psicóticos e regredidos, que o analista tenha consciência de seu ódio e de sua raiva para com o paciente. Assinala que o analista pode expressá-lo por meio de diversos manejos clínicos, tais como, o término das sessões, as interrupções de sua fala, a cobrança de seus honorários.

Gostaríamos de ressaltar que estados psíquicos primitivos podem apresentar-se também em pacientes psiconeuróticos, nas vivências conflituosas das questões edípicas, sendo atribuição do analista identificar em qual momento subjetivo seu paciente se encontra.

De acordo com Winnicott (1947) para os pacientes psiconeuróticos é de grande valia encontrar o sentimento de raiva do analista, quando é exatamente isso que se busca encontrar.

A possibilidade de encontrar a raiva objetiva, permite que o paciente possa encontrar o amor objetivo.

Compreendemos que os elementos amorosos e hostis estarão sendo expressados na relação de transferência, tanto por parte do paciente quanto por parte do analista. No entanto, acreditamos que o analista ao ocupar o lugar de um objeto de amor substitutivo, está subjetivamente preparado para operar com os efeitos da transferência e permitir que o paciente encontre novos caminhos para a integração de tais elementos no Ego. Assim, se a mãe precisa sobreviver à agressividade do bebê para que dele emerja um Ego singularizado, também o analista precisa sobreviver à agressividade do paciente para que emerja um trabalho analítico.

3.7 – Sobrevivência do analista e emergência do trabalho analítico.

Ao considerarmos a fundamental importância da sobrevivência do analista, nos referimos à sua sobrevivência frente à agressividade advinda do paciente. No entanto, compreendemos que o analista também precisa sobreviver à sua própria agressividade, despertada pelo paciente no decorrer do trabalho clínico. Para tanto, se faz notória e imprescindível que a análise pessoal do analista possa lhe dar amparo e instrumentos subjetivos para que conheça seu ódio e se aproprie dele.

Podemos conjecturar em uma perspectiva paradoxal, que tanto paciente quanto analista precisam sobreviver aos elementos agressivos e destrutivos, para que a relação transferencial se consolide. Se frente aos ataques agressivos do paciente o analista tiver a possibilidade de continuar seguindo em frente com o trabalho, tornará possível para o paciente uma maior integração de tais elementos no Ego.

Ao considerarmos que é a sobrevivência do objeto que permite que o Ego do bebê emerja em seu processo de construção da subjetividade, podemos analogamente compreender que, a sobrevivência do analista aos ataques destrutivos permite que a agressividade encontre um caminho construtivo para o paciente. Desse modo, a emergência de um trabalho analítico está perpassada pela agressividade, sendo constituinte da relação de transferência, na medida em que paciente e analista podem fazer um uso construtivo de tais elementos agressivos.

Compreendemos que alguns pacientes procuram por uma análise em momentos de sofrimento intenso, causado por uma grande desorganização interna e por vezes encontram-se em movimentos de agressão contra si mesmos. No entanto, acreditamos que podemos considerar que a destrutividade na qual o paciente se encontra, possui uma parcela de

positividade. Poder apostar que a destrutividade é também uma busca por tentar fazer uso da agressividade, é um dos grandes desafios que a clínica nos impõe. É também parte da sobrevivência do analista, considerar que em meio ao caos e a destruição que alguns pacientes estão vivendo ao chegar ao consultório, encontra-se presente a possibilidade de que o paciente possa criar um caminho construtivo para essa força destrutiva. Em nome dessa aposta e dessa esperança, que um analista pode aceitar um paciente e se oferecer à transferência, permitindo a emergência de um trabalho clínico.

CONCLUSÃO

Ao realizarmos uma pesquisa em psicanálise, partimos de um problema que teve sua origem no campo da prática clínica. Compreendemos que, desse modo, tomar um impasse clínico como questão de pesquisa, nos aproxima de uma tradição freudiana que deu origem à psicanálise. Nesses termos, é a partir da soberania da clínica que a teoria pode ser construída, na mesma medida em que a prática se revela. No nosso caso, nosso trabalho de pesquisa se originou de uma observação clínica, da presença constante de uma parcela de agressividade e de destrutividade nas relações amorosas. Frente a essa observação, muitos questionamentos foram suscitados. Entre esses questionamentos duas questões principais foram circunscritas: a) como poderíamos conceber a origem e a dinâmica de tal potencial agressivo, no aparelho psíquico; b) e qual seria sua participação nas relações amorosas. Tomamos como hipótese de trabalho a existência de um potencial agressivo primitivo participante da constituição do Ego e em decorrência das relações estabelecidas entre o Ego e seus objetos de investimento. Dessa hipótese fomos levados a considerar as consequências clínicas dessa nossa proposição, pois, desde Freud, sabemos que durante o trabalho clínico, o paciente, por meio da transferência, toma o analista como um de seus objetos de investimentos. Assim, pudemos também supor que elementos agressivos/destrutivos deveriam apresentar-se na constituição da relação transferencial, entendendo-a como campo no qual o trabalho clínico se desenrola. Sendo assim, como poderia o analista operar seu trabalho levando em conta a presença de tais elementos agressivos e destrutivos? Ou seja, quais implicações clínicas poderiam acarretar o reconhecimento do potencial agressivo no trabalho analítico?

Tais questionamentos nos assolaram desde o despertar da questão de pesquisa, quando nos deparamos com a possibilidade de formular um projeto acadêmico. No entanto, a complexidade do tema em questão, por vezes, nos fez vislumbrar tantos outros questionamentos que se desdobraram com nossas conjecturas, o que em alguns momentos tornaram nosso foco de investigação pouco nítido. No entanto, se nosso objeto de pesquisa se encontrou inicialmente visto por um olhar um tanto embaçado, o caminho que precisaríamos seguir para desvendá-lo ganhou cada vez mais profundidade.

Para tal, tomamos com referências teóricas a teoria freudiana e a teoria winnicottiana. A partir daí, iniciou-se um novo e grande desafio, o de mergulhar nas respectivas obras, respeitando a singularidade de cada autor e, ao mesmo tempo, promover um diálogo entre eles.

Tal proposta de trabalho nos permitiu articular pontos de encontro e de desencontro entre as duas teorias, nos trazendo, ao final de nosso percurso, a impressão de termos encontrado muito mais pontos de encontro do que supúnhamos que seriam possíveis.

Ao nos debruçarmos sobre a teoria freudiana, destacamos alguns aspectos teóricos relativos à questão que pretendíamos estudar. Partimos do trabalho de Freud sobre a melancolia, no qual a elucidação da identificação do Ego com os objetos, foi a coordenada inicial para a nossa jornada. Pudemos compreender que o Ego ao atacar o objeto, de alguma maneira estava atacando a si mesmo. Então, a destrutividade direcionada ao objeto, era também, simultaneamente, direcionada ao próprio Ego que se encontrava parcialmente identificado ao objeto. A partir da elucidação do processo de identificação, pudemos nos remeter ao período de construção do narcisismo, o qual consideramos ser o período fundamental de aquisição para os primeiros contornos do Ego e, concomitantemente, das primeiras diretrizes que perpassaram as relações objetais. Nesse período de construção do Ego, a indiferenciação inicial entre Ego/objeto, se fez primordial para o nosso entendimento das identificações. O tema da destrutividade nas relações amorosas ganhou contornos mais precisos, o que nos permitiu situar nosso foco nos períodos iniciais da construção do Ego e das relações objetais.

Assim, nossa pesquisa ganhou um movimento paradoxal, no qual ao avançarmos em nossa investigação, fomos cada vez mais dando um passo atrás no tempo da constituição da subjetividade. Nesse movimento de avançar para trás, nossa investigação nos encaminhou para um período anterior à construção do narcisismo, no qual poderíamos vislumbrar a origem da destrutividade e compreender sua dinâmica no aparelho psíquico, uma vez que ela já se apresentava nas relações objetais, pela via da identificação Ego/objeto. Passamos para o estudo da dinâmica das pulsões, que nos revelaram seus movimentos sadismo/masquismo, ativo/passivo, como modos de reger os investimentos libidinais das relações objetais

Ao nos depararmos com a necessidade teórica do estudo das pulsões, o tema da destrutividade nos conduziu ao conceito de pulsão de morte. A conceituação da pulsão de morte se tornou um desafio para o nosso trabalho, uma vez que para o próprio Freud a teoria das pulsões sofreu reordenações teóricas importantes. A partir de 1920, com a caracterização das pulsões em pulsões de vida e pulsão de morte, Freud dentre as várias contribuições sobre o tema, afirma que a pulsão de morte poderia ser entendida como a pulsão original. Essa afirmação freudiana foi para nós a possibilidade de alcançarmos uma compreensão da diferenciação existente entre as pulsões como “modos de ser” da energia pulsional no aparelho

psíquico. Apoiadas nas contribuições de Garcia-Roza, pudemos conjecturar que sendo a pulsão de morte uma pulsão por excelência, ela, ao inundar o aparelho psíquico, alcançaria diferentes modos de “ser”, sob efeito das possíveis organizações que, nesse contexto, alcançará. Dessa maneira, pudemos compreender que o amalgamento das pulsões de vida e de morte, se dão em momentos iniciais de constituição subjetiva e admitem um momento anterior de indiferenciação entre si.

Essa hipótese nos foi muito promissora para compreendermos a ambivalência das pulsões, que de acordo com a nossa perspectiva, admite uma interface entre as polaridades opostas, que Freud nomeou como ponto reflexivo da pulsão. Tais considerações freudianas, nos permitiu conjecturar que a noção de dualidade em Freud pode ser compreendida como possuindo uma dimensão triádica, pois admite esse ponto de indiferenciação entre as duas correntes opostas.

Frente a tais conjecturas, pudemos compreender que a pulsão de morte admite uma face destrutiva que é direcionada ao objeto e que pela via da identificação também atinge o próprio Ego. No amalgamento das pulsões, vida e morte, pudemos conceber que amorosidade e destrutividade caminham juntas e que de uma depende o balizamento da outra, considerando que o objeto amado é também ao mesmo tempo odiado.

Na medida em que nossa investigação nos conduzia para períodos cada vez mais primitivos de construção da subjetividade, recorremos à teoria de Winnicott, autor reconhecido por seu trabalho sobre os momentos primitivos do desenvolvimento emocional. Passamos então ao capítulo dois da dissertação, no qual apresentamos a teorização winnicottiana sobre a agressividade. Nessa, o autor, ao incluir a presença da externalidade no desenvolvimento emocional primitivo, destaca a sobrevivência do ambiente/mãe/objeto frente aos ataques agressivos recebidos, como fundamento para a construção do Ego e das relações objetais. A investigação do tema da destrutividade na obra de Winnicott nos revelou que de acordo com seu pensamento, a agressividade em princípio é força de ação, atividade, e que os seus encontros com a externalidade irão propiciar modulações que poderão ser tanto construtivas, promovendo efeitos agregadores ao Ego, como destrutivas, promovendo efeitos desagregadores.

Essa perspectiva nos permitiu compreender que é na relação entre Ego-objeto, que a agressividade vai ganhando seus contornos. Desse modo, tanto a construção do Ego, quanto a construção das relações objetais, são perpassadas pela força da agressividade.

Os contatos iniciais com o ambiente/mãe, trilharão os possíveis caminhos que a agressividade poderá encontrar no curso do desenvolvimento emocional. A sua fusão com o potencial erótico, que pode se dar de modos variados, irá integrar a possibilidade do objeto ser amado e destruído em fantasia, ao mesmo tempo, sendo a sobrevivência do objeto que permite que o vínculo se estabeleça e as fronteiras egóicas se consolidem. Desse modo, considerando que há um tempo inicial de indiferenciação entre bebê/mãe, a sobrevivência do objeto significa a sobrevivência do próprio Ego. Talvez esse tenha sido o grande diferencial encontrado por nós em nossas reflexões entre Freud e Winnicott. Ao que nos pareceu, compreendemos que Freud não se ateu profundamente em explicitar a função da alteridade materna como sustentadora das operações psíquicas iniciais, embora em muitos momentos de sua teoria ele aponte para os investimentos libidinais maternos como força que pulsionaliza o sujeito. Acreditamos que podemos supor que nesse ponto, Winnicott indica de modo mais explícito que a presença da alteridade materna, ambiente/mãe, é ativa na modulação dos processos subjetivos.

Desse modo, nosso capítulo três pôde trazer algumas reflexões sobre as conjecturas teóricas sobre a destrutividade nas relações amorosas. Nesse capítulo pudemos mais diretamente descrever os pontos de encontro e de desencontro entre os dois autores. O que nos chamou mais a atenção foi a possibilidade de compreender a teoria pulsional em Freud por um viés paradoxal, no qual pulsão de vida e de morte podem ser entendidas em origem como pulsão original. Assim, a força da pulsão ganha possibilidades de promover tanto agregação quanto desagregação do Ego. Pudemos então, vislumbrar uma positividade na destrutividade que concerne à pulsão de morte.

Tais conjecturas nos permitiram pensar analogamente na teoria da agressividade proposta por Winnicott. Nos pareceu que a possibilidade de pensar a agressividade como força de ação que pode ser usada de modo construtivo e destrutivo, permite uma comunicação com as ideias freudianas, ainda que esse ponto teórico não tenha sido elucidado mais profundamente em nossa dissertação, permanecendo uma incógnita a ser estudada.

Finalizamos nosso trabalho com algumas possíveis conjecturas clínicas, ao retomar nossos questionamentos iniciais sobre a destrutividade presente na relação transferencial. Pudemos pensar que a amorosidade e a destrutividade estarão presentes na relação entre paciente-analista e que o analista precisará operar com tais elementos ao se oferecer como objeto para os investimentos de seu paciente, na transferência. Se podemos pensar que a sobrevivência do objeto é capaz de influenciar encaminhamentos construtivos e destrutivos

para a agressividade, a nossa proposta foi a de que a sobrevivência do analista também é norteadora para que o trabalho clínico emergja e os conteúdos destrutivos do paciente possam, em alguma medida, encontrar um caminho construtivo.

Contudo, acreditamos que nossa pesquisa nos indicou a necessidade de um posicionamento ético por parte do analista, ao considerar que ao se disponibilizar a estabelecer a relação transferencial, ele entrará em contato com os elementos amorosos e destrutivos do paciente. A posição ocupada pelo analista em relação ao paciente, tendo sido eleito como objeto de investimento deste, permite que ele exerça influências na experiência subjetiva do paciente em vivenciar seus conflitos. Com isso, a função do analista pode ser reconhecida como ativa e presente na condução do trabalho e nas possibilidades que o paciente poderá descobrir para solucionar suas questões. Acreditamos que, o analista ao ter a condição de manejar via transferência os conteúdos amorosos e destrutivos do paciente, pode permitir que se estabeleça um espaço, um ambiente, que poderá ser facilitador para que o paciente possa (re)viver sua amorosidade e destrutividade em relação aos objetos e a si mesmo. Esse espaço compartilhado que a transferência admite que seja estabelecido entre analista e paciente, pode permitir que o paciente crie de modo mais construtivo os caminhos para o uso de sua agressividade.

Em nossas conjecturas, ficou evidente a necessidade de melhor elucidar a problemática da agressividade e seu desdobramento em destrutividade, na relação transferencial. Para tanto, haveria a necessidade de compor um novo trabalho de pesquisa acadêmica, de modo a contemplar essa questão e destiná-la o lugar apropriado para seu aprofundamento. Assim, reconhecemos a limitação de nossa questão de pesquisa para essa dissertação, na qual não nos propusemos a tratar da transferência. Acreditamos que esse poderá ser um novo e futuro tema de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ELIA, L. Psicanálise: Clínica & Pesquisa. In: ___ *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. [1905] In: ___ *Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud – volume VII*. (Trad. de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Introdução ao Narcisismo. [1914] In: ___ *Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos - volume XII*. (Trad. de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Luto e Melancolia [1917 (1915)] In: ___ *Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos - volume XII*. (Trad. de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Os Instintos e seus Destinos [1915] In: ___ *Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos - volume XII*. (Trad. de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. “Batem numa Criança” Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais [1919] In: ___ *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos – volume XIV*. (Trad. de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Além do Princípio do Prazer [1920] In: ___ *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos – volume XIV*. (Trad. de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo [1924] In: ___ *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos – volume XVI*. (Trad. de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. O Mal-estar na civilização [1930] In: ____ *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros textos – volume XVIII*. (Trad. de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Por que a Guerra? [1932] In: ____ *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros textos – volume XVIII*. (Trad. de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Conferência 32, Angústia e Instintos [1933 (1932)]. In: ____ *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros textos – volume XVIII*. (Trad. de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARCIA-ROZA, L.A. Pulsão de Morte e Pulsão Sexual [1986] In: ____ *Acaso e repetição em psicanálise – uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

GARCIA-ROZA, L.A. Pesquisa de Tipo Teórico [1994] In: ____ *Atas do 1º Encontro de pesquisa acadêmica em psicanálise. Programa de estudos pós graduados em Psicologia Clínica/ PUC-SP. Nº1, fev. 1994*

PINHEIRO, N.B. Algumas reflexões sobre transferência, contra-transferência e clínica a partir do pensamento de Winnicott.[2012] In: ____ *Winnicott: seminários curitibanos*. Curitiba: Maresfield Gardens, 2012.

WINNICOTT, D.W.. Agressão e suas raízes. Agressão. [1939] In. ____ *Privação e delinquência*.(Álvaro Cabral, trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2014.

WINNICOTT, D.W. O ódio na contratransferência. [1947] In. ____ *Da pediatria à psicanálise*. (D.L. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2000

WINNICOTT, D.W. A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional [1950-1955] In. ____ *Da pediatria à psicanálise*. (D.L. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2000

WINNICOTT, D.W. Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais.[1951] In. ___ *Da pediatria à psicanálise*. (D.L. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2000

WINNICOTT, D.W. O destino do objeto transicional.[1959] In. ___ *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. (Jose Octavio de Aguiar Abreu, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W.. Agressão, culpa e reparação. [1960] In. ___ *Privação e delinquência*.(Álvaro Cabral, trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2014.

WINNICOTT, D.W.. Raízes da agressão. [1964] In. ___ *Privação e delinquência*.(Álvaro Cabral, trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2014.

WINNICOTT, D.W. As origens do indivíduo.[1966] In. ___ *Os bebês e suas mães*. (Jefferson Luiz Camargo). São Paulo: Martins Fontes, 2013.

WINNICOTT, D.W. Sobre os Elementos Masculinos e Femininos Ex-Cindidos Encontrados em Homens e Mulheres.[1966] In. ___ *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. (Jose Octavio de Aguiar Abreu, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. Sobre o Uso de um Objeto.[1968] In. ___ *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. (Jose Octavio de Aguiar Abreu, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. A Experiência Mãe-Bebê de Mutualidade.[1969] In. ___ *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. (Jose Octavio de Aguiar Abreu, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. *Natureza Humana*. (D.L. Bogomoletz, trad.) Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1990.

